Contemporanea

REGISTA:

COM a MAIOR emoção: O terminus da travessia aerea do Atlantico. A apoteose do Brazil a Portugal nas figuras de SACADURA CABRAL e GAGO COUTINHO. — Com o MAIOR entusiasmo: Os preparativos da viagem aerea ás Colonias portuguezas em Africa, pelos aviadores do exercito de terra. — Logar de honra a PORTUGAL na frente da aviação do mundo!

■

O dever que assiste a todos nós de corresponder ao entusiasmo e simpatia com que o Povo Hespanhol nos tem acolhido.
Seria muito dar a uma praça de Lisboa o nome de Cervantes?...

■

A ideia da consagração a Junqueiro, lançada pelo Sr. Mario Alves Pereira: Que CABRAL e COUTINHO como representantes da Raça deponham na fronte do principe dos poetas da Peninsula, a corôa de louro dos eleitos.

■

A homenagem presfada em Paris ao portuguez F. de Homem Christo, nosso colaborador, pelo banquete presidido pelo principe Bonaparte, e organisado pelos marechais: Foch, Joffre, Liauthey, Mangin, e os escritores: Blasco Ibañez, Gomes Carrillo, Claude Farrère, Rosny Ainê, etc.

■

O Congresso jornalistico Luso-Hispanico, projectado pelo «Diario de Lisboa» e em organisação por Magalhães de Lima.

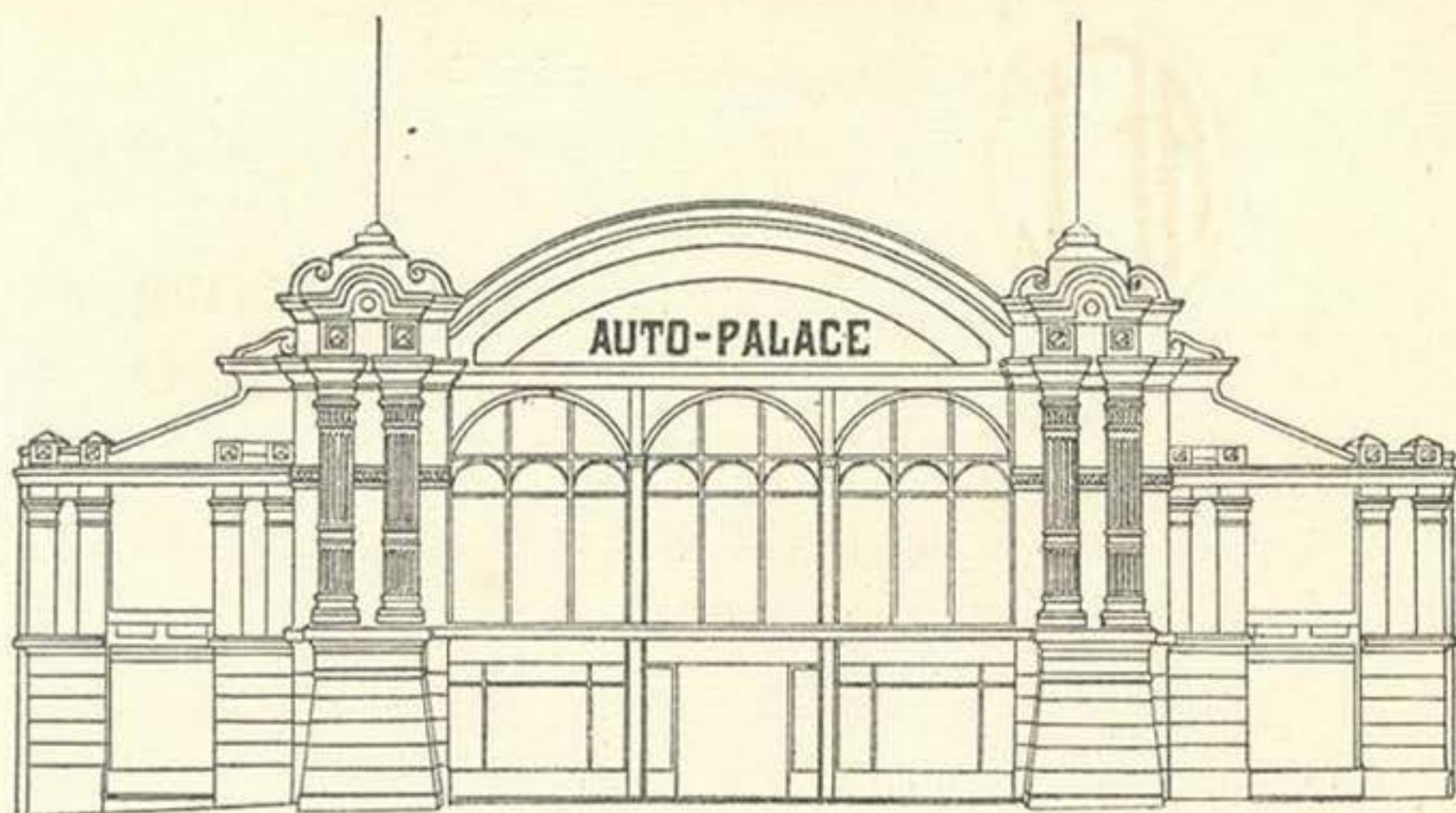
■

O entusiasmo com que foi recebido no Rio de Janeiro o nosso colaborador Antonio Ferro.

■

QUE no seu proximo numero publicará as condições para o Concurso de peças teatrais que está organizando.
Tambem iniciará a secção de Bibliografia nacional e estrangeira dirigida pelo ilustre critico Sr. Alvaro Maia.

■

O nosso agradecimento á imprensa do país e do estrangeiro pela forma como acolheu a Contemporanea

ALGARVE EXPORTADOR, LIMITADA

Rua dos Remolares, 7

LISBOA

Conservas e Materiais

Telegramas: BELALGARVE

Telef.: Central 5094

Eduardo Gomes Cardoso

CONSTRUTOR MECANICO

Instalações de gaz pobre, moagem, etc.

DESENHOS E ORÇAMENTOS

Fundição de Ferro e Bronze

RUA 24 DE JULHO, 26

Teleg.: EDCARD Tel.: 2832 C.

LISBOA

SEMPRE EM ARMAZEM

CARVÃO CARDIFF,

ALMIRANTADO

"CAMBRIAN" E "HOODS MERTHYR"

ANTHRACITE FAVAS "NEW DYNANT"

PORTUGUESE CORPORATION OF COMMERCE, LTD.

LISBOA

CAES DO SODRÉ, 64

Telegrs.: CORPORATION

Telefs.: C. 5092 - 5093

LONDRES

LUDGATE HILL, 56

Telegrs.: APORTUCOR

Anfora "KARNAK"

Original do engenheiro

Geraldo Coelho de Jesus,

executada pela

EMPREZA das FABRICAS
de VIDRO da MARINHA
GRANDE LIMITADA.

MARINHA GRANDE
PORTUGAL

PAPELARIA PALHARES

TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO

Telefone:
842 CENTRAL

141, RUA DO OURO, 143
LISBOA

Telegramas:
PAPELHARES

CANETAS de tinta permanente

DAS MELHORES MARCAS

MÉNAGÈRE DE LISBOA

Antiga casa J. LINO
RUA DO CAIS DO TOJO, 35
LISBOA

Artigos de MÉNAGE e de CONSTRUÇÃO

Fogões de marmore para sala,
Salamandras. Material sanitario.
Parquets, etc.

RECOMENDA A Contemporanea

Moveis de Arte

ANTIGA E MODERNA

OFICINAS

Rua de São José, 166-174, LISBOA

SOUSA, MOURA & C.ª, L.ᵈᵃ

Telef. C. 3033 | CASA BANCARIA | End. Tel. «SOURA»

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

Compra e venda de moedas, notas estrangeiras, papeis de credito, ordens de bolsa, cheques sobre as principaes praças do paiz e estrangeiro, depositos á ordem e a praso, todas as transacções bancarias.

AIGLON
Grand Vin Mousseux
O MELHOR DE TODOS

ANGLO-PORTUGUESE AND COLONIAL COMPANY
(UNICA DEPOSITARIA)

P. dos Restauradores, 13
LISBOA

COMPANHIA DA BORRACHA

CASA FUNDADA em 1898

Premiada com medalhas de ouro e prata em varias exposições

LISBOA E PORTO

ESCRITÓRIOS E FABRICA:

RUA DO AÇÚCAR (BEATO)

DEPOSITOS:

275, Rua da Prata, 277 - Lisboa
136, Rua das Flôres, 137 - Porto

MANUFACTURA GERAL DE BORRACHA

FLEXIVEL, EBONITE.

GUTA-PERCHA E AMIANTO

Execução rapida de qualquer artigo

O PAN-HISPANISMO

POR

ANTONIO SARDINHA

É a 12 de outubro que passa a comemoração da descoberta da América pelas caravelas de Colombo. Já a Espanha consagrou esse dia como o «dia da Raça», — como o dia da festa da sua civilisação. Evidentemente que «raça» se não toma aqui num restricto significado éthico. Enche-se antes dum amplo sentido cultural e historico em que Portugal e o Brasil cabem perfeitamente, sem ofensa aos seus velhos pergaminhos nacionalistas.

Na verdade, desde que a Espanha, solenizando o 12 de outubro, procura restaurar a antiga lareira espiritual em que se aqueceram e tomaram o ser os semeadores de tantos povos de alem do Atlantico e que do outro lado do mar a grandem adre ibérica encontra éco prolongado e caloroso, eu pregunto porque motivo, brasileiros e portuguêses, não hão-de corresponder ao mesmo sentimento, incorporando-se com entusiasmo na caravana que de dia para dia vai engrossando?

Um equivoco secular, que hoje já mal resiste ao exame da inteligencia, vincou um longo e doloroso divorcio entre as duas prestigiosas patrias da Peninsula. No entanto, se escutarmos bem as vozes profundas da nossa tradição, logo veremos que as lutas de Portugal com Castela são lutas de familia, que em familia sempre se resolveram. Filha de portuguêsa e como tal descendente do mestre de Avis e do Santo Condestabre, Isabel-a-Católica venceu em Toro seu primo Afonso V, que, por sua vez, descendia de D. Juan I, — o monarca derrotado em Aljubarrota. Eis uma circunstancia que vale como um simbolo, porque parece ditar-nos a regra de conducta

em que Portugal necessita de inspirar o conceito das suas relações com Espanha.

Houve — e ninguem o contesta — parentesis de luto e de sangue a cavarem separações que não deveriam deixar mais vestigios que os duma proveitosa experiencia. Mas, por sobre eles, dominadora como as verdades que por si próprias se impõem, resplandece a unidade moral duma civilização que, tendo na Peninsula o seu berço original, é obra comum de espanhoes e de portuguêses.

O engano foi supor-se que essa «unidade moral» exigia uma consequente «unidade política», quando desde as indicações de geografia ás indicações da historia, naturalmente a Peninsula se mostrava conformada para a co-existencia de dois Estados, — um, Portugal, aberto ás influencias do mar, o outro, Castela, como Estado mais territorial que maritimo, reservado, por conseguinte, para a conquista da hegemonia continental. De resto, é o que sucede na época de mais fastígio para ambas as nacionalidades, com Carlos V e Felipe II dum lado, dispondo quasi da sorte da Europa e com D. Manuel I e D. João III no pequeno canto lusitano, fundando com o poder-naval aquele admiravel imperio de que os *Lusiadas* são a resonancia eterna. «Durante este periodo, que é o de maior prosperidade e grandesa dos povos peninsulares, — escreve o malogrado Moniz Barreto —, a consciencia da força propria suprime desconfiança e temores, e a identidade de aspirações e sentimentos cimenta as bases duma aliança em que compartilhamos com a Espanha a hegemonia no Mediterraneo ocidental e nos dois Oceanos».

Mas a lembrança de tão glorioso paralelismo não conseguiu evitar que espanhois e portuguêses viessem a conhecer a decadencia e o esquecimento, quando tiveram verdadeiramente nas suas mãos os destinos do mundo inteiro. Ora inventariarei aqui o longo rosario de desgraças e humilhações que tanto para portuguêses, como para espanhois, tem representado o seu criminoso desentendimento. Mutilada, dividida, a historia da Peninsula tornou-se como o lenço da Veronica a sangrenta efigie da nossa alma — aplicando uma imagem inolvidavel de Moniz Barreto. — E, todavia, pela sua posição excepcional, senhora do Estreito que devia ser e terraço lançado sobre as aguas do Atlantico ao encontro da América, que missão não assinalou Deus á Peninsula, se nós a quizessemos e a soubessemos cumprir!

Pois a hora presente é-nos, como nunca propicia! «Na opinião geral, — escrevia ha já bastantes anos o general Rodrigues de Quijano —, só Espanha e Portugal pelos seus precedentes e indole especial de raça, podem chegar a ser o verdadeiro laço de união entre a Europa, a America e a Africa...» Em sucintas palavras, se condensa todo o futuro das duas patrias peninsulares, se olhando para a frente com coragem e iniciativa, nos resolvermos a executar tão belo programa de acção, para o qual, antes de tudo se estabelece como primeiro passo, a necessária aproximação de

Portugal e Espanha. Assim, o desacreditado *iberismo*, de evidente marca maçonica e revolucionaria, será vencido pelo *peninsularismo* cujas raizes na geografia e na historia, exigem logo de entrada, como condição prévia, que a tolerancia politica e económica dos dois Estados da Peninsula seja integralmente respeitada.

Mas o *peninsularismo* não é senão a jornada inicial! Na margem oposta do Oceano—do Oceano que nós tornámos algum dia como *mare nostrum*, num perfeito lago familiar—, outras patrias existem que falam a nossa lingua e que não ficam insensiveis ao nosso apelo. O *pan-hispanismo* nos surge daqui, como conclusão lógica, constituido por dois elementos estructuraes, — o *espanholismo* e o *lusitanismo* «*Voz clamorosa de la sangre, contra el pan-americanismo,*»— foi como definiu o *pan-hispanismo* o ano passado, por ocasião da *Festa de Raça*, no seu formoso discurso do *Teatro Real* de Madrid o conde de la Montera, D. Gabriel Maura Gamajo, acrescentando em seguida que «*los pueblos que no se agrupen en organisaciones más amplias que la sociedad nacional, sucumbirán bajo el imperialismo*».

Suponho suficientemente enunciadas as razões que nos levam a nós, portuguêses, a não permanecer indiferentes perante o significado actualissimo do *pan-hispanismo*. Prefaciando o estudo recente de Marius André sobre colonização espanhola na America, o proprio Charles Maurras acaba de reconhecer sem vacilações a sua extraordinaria importancia. E o Brasil, que não esqueceu por certo os avisos de Eduardo Prado no seu livro *A illusão americana*, não vae abdicar das suas justas ambições de poderio e desenvolvimento, que só na liga das nacionalidades hispanicas acharão garantia solida e perfeita. Lancemo-nos, por isso, á vanguarda d'uma civilização que é nossa e que hoje diriamos sonambula, como que vivendo as formas mumificadas do tempo que já não volta. O que é essencialissimo é que os povos, de derivação peninsular, readquiram a consciencia da sua finalidade superior e que o exemplo parta da Peninsula,—sua casa paterna e solar venerando. E por muito que o problema se nos afigure emaranhado e dificil, é em cada um de nós que a sua solução reside. «*Las naciones de origen hispánico,*—observa novamente o conde de la Montera—, *se decidirán tal vez muy pronto a buscar en la unión efusiva y fraternal con las demás hijas de la madre común, la fuerza misma que las outras les ofrecen, mediante artificiosas combinaciones diplomaticas ó economícas*». Prepare-se Portugal, pela sua parte, reorganisando-se como nação forte e estreitando cada vez mais os vinculos da sua amizade com a Espanha, nossa irmã, e com o Brasil, nosso filho primogenito. E como numa primavera nunca vista, a flôr do internacionalismo hispânico abrirá as suas pétalas de maravilha, ressuscitando a manhã longinqua em que a America se revelou em toda a sua magnifica adolescencia, aos pilotos de Christóvam Colombo e á marujada de Pedro Alvares Cabral!

ANTONIO SARDINHA.

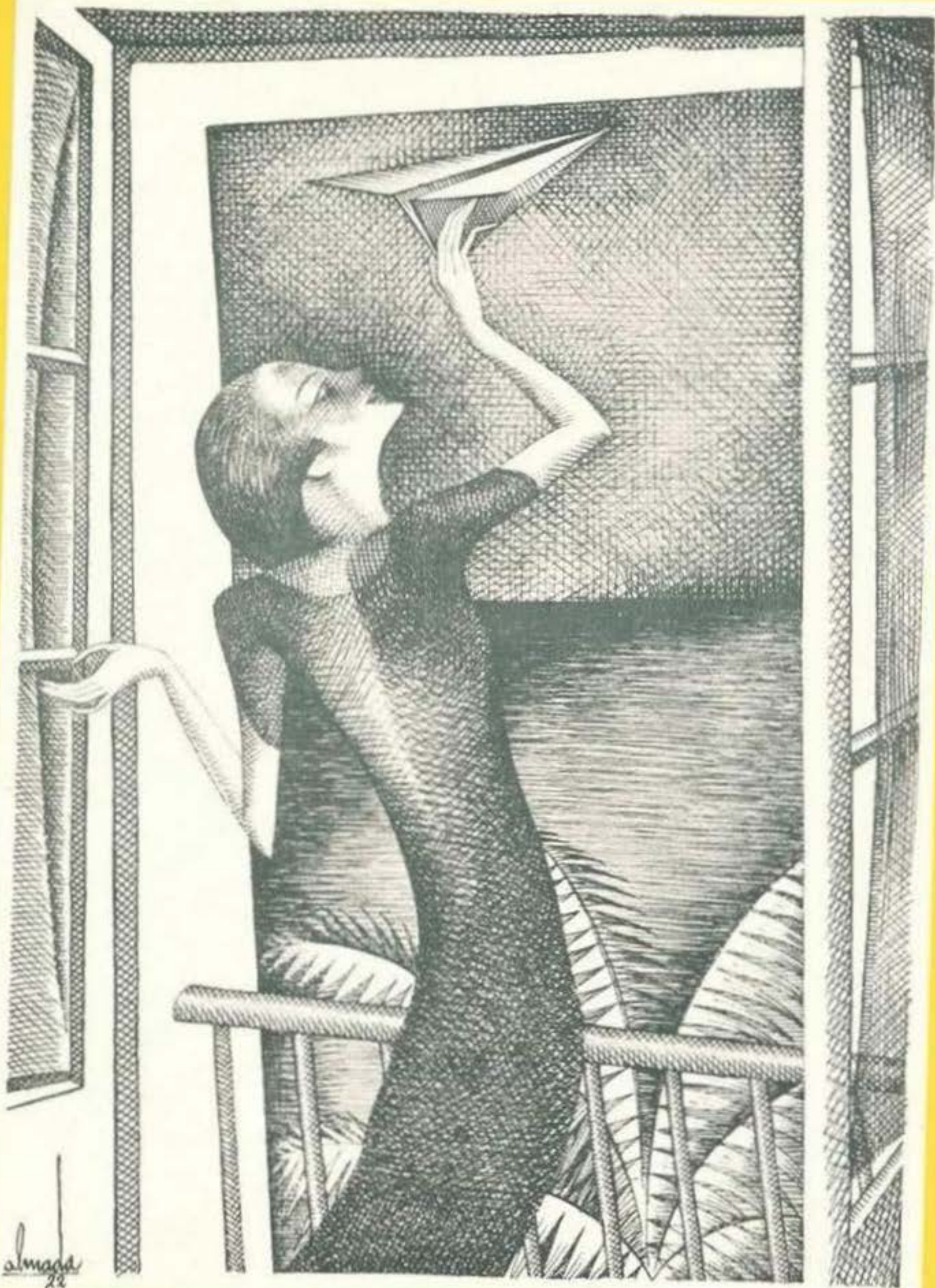
CANÇÃO

Em sonho, tómo nas minhas,
As tuas mãos de luar,
E tenho duas rolinhas,
Nas minhas mãos, a arrulhar.

E depois, em sonho ainda,
Deixando as rolas fugir,
A tua cabeça linda
Afago e beijo, a sorrir.

Continua o sonho mago.
E eu sempre no sonho loiro
Em mil caricias afago
Teu lindo cabelo d'oiro...

E as minhas mãos afagando
Teu cabelo d'oiro mole,
Amôr! são a terra andando,
Girando em volta do Sol!

José Bruges d'Oliveira

ALMADA
O RAID

O LORD

Lord que eu fui de Escócias doutra vida
Hoje arrasta por esta a sua decadencia,
Sem brilho e equipagens.
Milord reduzido a viver de imagens,
Pára ás montras de joias de opulencia
Num desejo brumoso — em dúvida iludida...
(— Por isso a minha raiva mal contida,
— Por isso a minha eterna impaciencia)

Olha as Praças, rodei-as...
Quem sabe se êle outróra
Teve Praças, como esta, e palacios e colunas,
Longas terras, quintas cheias.
Hiates pelo mar fóra,
Montanhas e lagos, florestas e dunas....

(— Por isso a sensação em mim fincada ha tanto
Dum grande património algures haver perdido;
Por isso o meu desejo astral de luxo desmedido —
E a Côr na minha Obra o que restou do encanto...)

Paris — setembro 1915 Mario de Sá-Carneiro

Monier
João Emilio R.
Schatz-Alp Sanatorium
Appartement 103
Suisse Davos Platz

Começou hoje Outubro sobre esta paisagem lenta. O outono principia nas arvores a sua epidemia com belezas de ouro-velho. E eu quasi não sei do tempo, meu amigo, tanto esta cadeira de cura se apossou do meu costume e os olhos decoraram já o iris da montanha — sempre a mesma... Na hora tarda o dia como que parou todo cinzento... O frio volta pela terceira vez depois que os meus pulmões tossiram o seu destino. Alem a Serra, esfumada na ténebra da chuva, manda-nos a nova promessa d'um ar fresco, e que nós melhoremos, praza a Deus... Assim na tristeza em que o dia cumpre e termina como um justo, o sanatorio guarda um silencio rigido, um silencio todo pintado de branco, apenas uma ou outra vêz agravado em frequencia incerta pela tosse d'um ou d'aquel'outro, perfurante como um sarcasmo, iconoclasta desta muda e embalada balada de Chopin...

Foi ha um ano que eu o abracei e Você partiu para mais longe ainda. A tarde era como esta, triste, grisada e outoniça. As mãos pediam já luvas forradas, no passeio da hora do lunch, e sabia bem ás nossas irmanzinhas ageitar no cabelo os *passe-montagne*, confortar o corpo delicado na grossura fôfa das camisolas de lã... Ficámos dessa vez todos n'um destino diverso do seu, continuando os nossos passos pela *Avenida dos Tristes*, lentamente, — um bando de meninas e rapazes que lembrasse pares de noivos, e ali fosse porque o Outono os bafejava tambem...

Separados agora numa hora cuja sensação é a mesma, pelo motivo andaluso e impressionista das folhas, pela quietitude do ar, pela aguarelada policromia da tarde que hoje se cumpre como então, eu lembro primeiro, como franco motivo de saudades da sua estima, aquela camaradagem que Você me fêz nesta prisão onde o corpo descórado e doente é coisa secundaria e somenos, uma bagatela de Deus...

Você era para mim, tossindo hemoptises e dizendo — «A vida é apesar de tudo bela, meu amigo!» o ente quasi-perfeito para que tende a nossa ascensão de bons.

Tudo lá vai na dobadoira lenta e rotativa dos mezes.

Parece que o tempo conta na sua alquimia feiticeiros crueis que tudo queimam. Porque do scenario d'então, nem um bastidor, nem um pano de fundo!... Abria eu todas as noites como hoje não abro, as paginas austéras de Thomás de Kempis. Não imitava Cristo, bem o sei, cujo Calvario foi quasi um suicidio e ao fim de dois mil anos passa de moda para a humanidade. Mas ao menos tendia para Ele na gratidão do meu corpo restabelecido, no desejo torturado de estabelecer a alma. Depois como um livro que se fecha estando escrito o ultimo capitulo, vieram novas gerações desfilar em frente da minha inconstancia e desta galeria.

Você dizia-me assim na carta d'ontem: — «Eu queria mais, meu amigo, muito mais noticias...» E eu senti-lhe a nostalgia intensa, deste pedaço de terra, arido como montanha mas carinhoso como Portugal.

Você pede noticias, e eu a dá-las, só posso escrever-lhe a entristecê-lo ainda, pintando o oleo macabro destes destinos, fazendo-lhe ouvir o rithmo lento desta marcha funebre que carpe os seus compassos aqui, todos os dias.

Você conhece tudo já. Pormenor que não tenha sabido, adivinha-o com o coração. Todavia um caso ultimo caiu de tal maneira sobre todos nós que, por ser viva ainda a impressão que me ficou, avulta na imaginação de forma a não poder esconder-se desta carta.

É uma destas impressões profundas que não esquecem nunca, nem mesmo depois dos anos. É uma destas impressões tremendas que, como os palhaços, são os simbolos da vida, cantam e choram como eles. Porisso eu não podia evita-la para si. É aos raros como Você a quem está confiada a missão de ouvir os pesadêlos. O orgulho é feito para vestir a inferioridade dos nossos sentimentos, que a massa geral não compreende.

Oiça lá:

Aquela pequena chamava-se Maria do Carmo e aparecera aqui n'um dia de verão, cheio de calor, como costumam ser os dias de Julho nesta serra. Lá fóra, da massa vegetativa evolavam-se ondulações fosforescentes e os ralos preludiavam no concerto da tarde, o seu rubro-ruido que é como uma onomatopea das chamas. Vespas e abelhas incomodavam-nos na cura espapaçada e ao léo da hora quente, querendo sugar-nos mais ainda. As refeições na sua hipotese de super-abundancia, digeriam-se mal, sob a acção dos 30 graus, na sombra do quarto, a despeito da frescura dos pijamas e dos *robes de chambre*. Foi assim que á hora do lunch as outras cochicharam a chegada d'uma nova irmã, com aquelas apreciações primeiras que a Você faziam rir quando aqui esteve.

Vinha magrita, coitada... E não era bonita, nem coisa que se parecesse! Os olhos... Ora os olhos! Como os outros todos... E aquela maneira de andar, tão compassada... Aquilo seria por impostura, ou copiado no cinematografo?... E como se chamava, como se chamava?... Que no fim de contas ela não era de todo em todo uma antipatia...

Estava feita a entrada. Tinha passado o baptismo de fogo.

E agora era esperar 48 horas, 6 vezes de cura de reposo na galeria geral, duas noites de jogos de prendas na calma taciturna do salão. Lá viriam as tendencias para este ou aquel'outro grupo, as primeiras confidencias, o mar largo da amizade e dos abraços. Chamava-se portanto Maria do Carmo e tinha feitos os desoito anos. Um tanto loira, d'uma palidez um pouco acentuada, olhos claros e simples, havia nela, composta e resignada, a certeza da sua doença pulmonar. Era um caso de tuberculose hemoptoica

onde havia já trez crises violentissimas de sangue que por trez vezes a puzera em incertezas de morte. Vinha dos ladós de Coimbra, e confessava sorrindo, que um dia era capaz de morrer assim, de repente, com uma onda de sangue pela boca fóra.

Nós atalhavamos: Decerto que não. Justamente viéra tratar-se, e agora era preciso pensar antes de tudo, na cura. E aí vinha a erudição espantar com os seus conhecimentos, usando dos gestos e das mascaras com que os velhos actores conseguem nas plateias lagrimas e risos, sempre por aqueles processos d'arte, planeados a frio nos espelhos, com talento e com batons... E assim d'ai por diante, a camaradagem contou tambem com Maria do Carmo. Amores não os trazia, nem os quiz escolher entre nós todos. Era assim diferente das suas companheiras e foi porisso, desde logo, um pouco irmã de todos nós. De resto, tinha um fundo excelente de creança. O que lhe interessava era a nossa sessão de cinematografo todos os domingos á noite, no Salão d'Inverno. Quasi batia as palmas quando o operador lhe vinha entregar o programa.

Havia sempre tantas horas primeiro que chegasse a do espetaculo! O' senhores, pois custavam bem a passar os dias metida ali naquele pavilhão! Depois não podia sair ao passeio, tinha temperaturas... Emfim, paciencia...

Durante todo o verão, o seu divertimento foi portanto os films que ela esperava sempre com a maior ansiedade. Uma vez, a rir não sei com que episodio comico foi a tossir para o quarto. Desde então jurou não se rir mais.

E quando no écran aparecia depois alguma figura grotesca, ela fechava os olhos, inclinava a cabeça para a frente, e assim ficava ouvindo gargalhar o resto da plateia de doentes. Era preciso deixar de rir para viver... E Maria do Carmo não riu mais.

Entrou Setembro, e o tempo começou hesitante a sua faina de fim de estação. Na abobada de zinco o ceu foi esfriando a cobrir-se de chuvas e de nuvens. Nas arvores opulentas as folhas verdes lutavam com os sintomas da velhice, depois de terem cabriolado, todas duas estações, a sua vida pagã. Os ralos á noite cantavam menos, e abelhas e vespas tornaram-se menos ousadas na procura do mel. As pombas ao de lá da alameda rareavam no jardim as suas azas, preferindo os poleiros do pombal. Em toda a natureza uma sinfonia harmonicamente orquestrada, furtava os naipes no final do ultimo andamento. O outono estava para começar o seu Bailado Russo imaginado nas lendas escandinavas de Odin...

Foi quando Maria do Carmo uma noite caiu de cama. Porquê? Porquê? Nova hemoptise? Mais temperatura? Sim, mais temperatura e uma hemoptise, respondeu ao espanto de todos uma informação. Maria do Carmo não estava bem. O proprio medico não previa nada sobre aquela doença, iminentemente traiçoeira.

Emfim, seria o que Deus quizesse... E todos lhe mandavam recados pela enfermeira, e desejos de melhoras... Era preciso estar já a pé no proximo domingo, um film sensacional em 7 partes, italiano como os que eram do seu agrado. Que melhorasse, fizesse o possivel...

Sexta e sábado mais duas golfadas de sangue, grandes. Depois ficou melhor, sentiu mesmo grandes alivios. Mas estava palida de cera, disse uma companheira que ainda abriu a porta do quarto, iludindo a vigilancia e esquecendo o aviso de proibição d'entrada posto ali, diante dos olhos.

Chegou domingo, o dia d'animatografo.

E Maria do Carmo? Mais socegada e animada. Pena que tivesse de

perder uma sessão, ela, que não tinha outro divertimento! Ao menos estava melhor. Já era alguma coisa.

Os films lá estavam já, á porta da cabine, esperando a hora.

Distraida de Maria do Carmo a nossa curiosidade foi a desenrola-los, ver as fotografias do começo de cada parte. Era um castelo no alto da montanha, uma silhueta de castelo feudal... E cavaleiros, e pagens... Conflitos medievais...

A' noite já a plateia estava formada, o pano do écran descido, tudo pronto. O jantar ia mais atabalhoado entre o riso deste, a tosse d'aquela, a pressa de todos. O doce, o que era o doce? Ora! As mesmas fatias de pão de ló! Que enjôo!

Mas o operador erguia outra vez o pano, desmanchava a linha das cadeiras de vêrga, torcia o comutador electrico da cabine, deixando-a ás escuras. N'um tempo todos perguntámos indecisos:

— O quê? não ha animatografo?!

— Não ha animatografo porquê?!

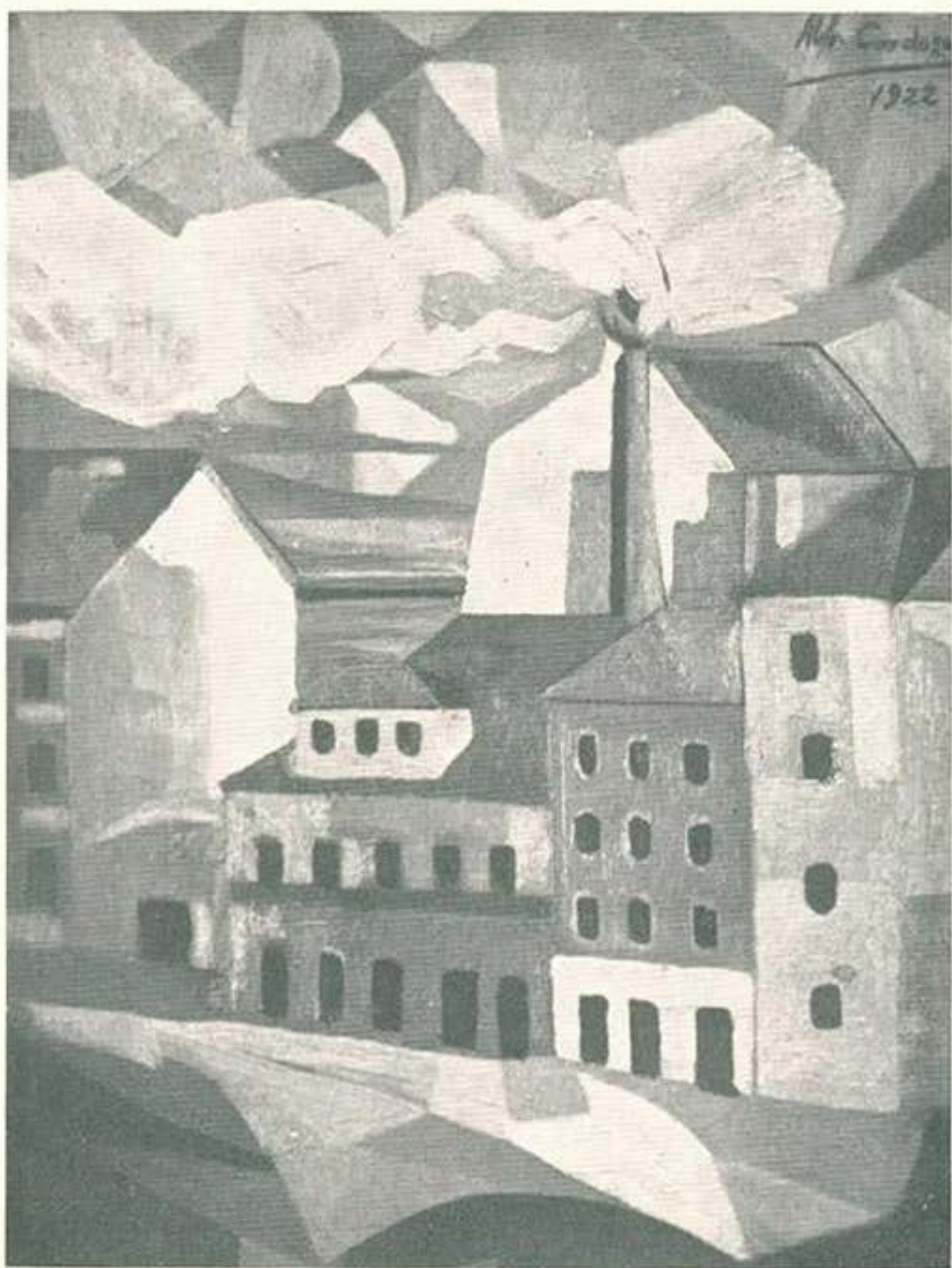
Levantámo-nos. O homem informava que se partira a lente do aparelho... Tinha que se mandar vir outra de Lisboa... Porisso...

A mentira transparente passou por todos nós, ponta a ponta da sala. Tinha-se partido uma lente, João Emilio, e nós ficavamos pondo o olhar estúpido em qualquer cousa, uns nos outros, mais aberto e mais lúgubre, mais cansado e mais fundo...

Era preciso mandar vir outra lente! Aquela, tinha-se partido...

Quasi não fazia mal, Deus me perdôe! Se todos os dias entram meninas novas nesta casa...

Guarda 920

Luís Moita.

ALBERTO CARDOSO
"COSTA DO CASTELLO"
Colecção Agostinho Fernandes

Aza nêgra que esvoaça...
—Negros dias ensombrados!
Roubaram-me toda a graça
aos meus olhos macerados.

Nevrotica, fim de raça...
Os meus nervos delicados
vão sucumbindo á desgraça
dos tristes degenerados.

Trago nos nervos a morte!
Sou uma sombra em recorte
de tristeza e de ruina...

Uivou dentro em mim a dôr...
Só lhe perco o som e a côr
em orgias de morfina!

JUDITH TEIXEIRA

A DERROCADA DA TECNICA

PALAVRAS DO DOUTOR RAUL LEAL NO COMICIO DO CHIADO TERRASSE

A QUESTÃO da Sociedade das Belas Artes não é uma questão de principios, de ideiaes diversos em luta. Oxalá que o fosse para possuir a grandeza do Espirito! Limita-se á defeza das almas novas provocada pelas constantes investidas traiçoeiras d'aqueles que se não são velhos pela idade, são-no sem duvida pela alma que trazem. Poderão ter apenas 30 ou 40 anos que não deixam de possuir o comodismo estreito e estreitamente egoista da grande maioria dos octogenarios, a sua indolencia, a aversão pelas naturezas buliçosas as quaes eles procuram sempre castigar e perseguir, o amor á rotina e portanto o odio a todas as transformações cuja presença por si só os encheria de cançaço e emfim como os octogenarios estão uns puros gágás. O que não querem é sentir movimento em volta deles, não suportam o bulicio das naturezas jovens, tudo os ataranta, os entontece, e são pois as maiores peias criadas á expansão da mocidade. Não encarnam principios antigos nem modernos porque não encarnam principios alguns e apenas não querem que se procure bulir com eles, forçando-os a sair do seu marasmo indecoroso e idiota. São uns grandes gajos...

Serve de pretexto palerma aos seus ataques o facto, bem discutivel, de não haver entre os socios propostos uma maioria de artistas d'artes plasticas! Grandissimos burros!!!... Como esses typos por comodismo ignobil e não por principio, estão fóra do nosso tempo! Não vêem eles que os espiritos de elite não teem fronteiras parvas dentro das quaes se encurralem, procurando antes cada vez mais universalisar-se, infinitisar-se... Entre as classes, os povos e os individuos as comunicações espirituaes vão-se desenvolvendo consideravelmente a ponto de cada um, sem sacrificar as qualidades que lhe são proprias, a pouco e pouco absorver as qualidades dos outros. Assim as profissões estreitas, as profissões tecnicas tendem a desaparecer, procurando todos anciosamente ser o Infinito. Até aqui temos vivido uma vida objetiva, uma vida de exterior e este, não fazendo parte de nós, exige divisão de trabalho, origem da diversidade de profissões tecnicas. Não podemos decerto ter aptidão para trabalhar em tudo que está fóra de nós, em tudo que *é sentido* como estando fóra de nós. Mas desde que nos compenetremos com toda a alma, não apenas com a ideia, de que o mundo exterior não é mais do que um mundo de impressões nossas e pois desenroladas em nós para serem trabalhadas pelo nosso pensamento emotivo, desde que nos compenetremos de que a existencia não é objetiva mas de que se dá só relativamente a nós, só duma forma subjetiva, então poderemos ser tudo, pois tudo que antes era sentido num exterior ficticio, passa a ser sentido como formando o nosso proprio eu. Se não podemos conhecer tudo que julgamos fóra de nós mas apenas uma parte, não resta duvida que podemos conhecer tudo que se desenrola em nós proprios. Ora como vamos sentindo que todo o Universo passa a ser um mundo de impressões e conceções nossas, que passa a ser o nosso proprio eu, cada um poderá conhecer todo o Universo que é ele e transforma-lo, trabalhal-o a seu bel-prazer. O Universo será bem sentido como sendo um simples sonho da alma, e por ventura não somos senhores absolutos dos nossos sonhos? Decérto essa

subjetividade de tudo que existe, ainda não é sentida convenientemente, vivendo ainda os homem na crença dum exterior, mas a verdade é que essa crença vae-se desfazendo e em breve o industrialismo, isto é, o dominio e o trabalho do homem sobre o que está fóra dele, dominio e trabalho que não poderão deixar de ser limitados, o industrialismo, digo, será substituido por uma vida de Sonho Puro em que não haverá exterior, em que tudo será sentido como sendo nós e tudo poderá ser pois *absolutamente* trabalhado e dominado por cada ser. Portanto a diversidade de profissões desaparecerá e a natureza da unica profissão que ha-de surgir, será puramente espiritual e não tecnica. Nessa profissão sintetica surgirá o espirito de todas as profissões atuaes, só o espirito, sendo isso que permitirá a universalisação delas. Cada profissão tem uma psicologia propria distinta do que tal profissão é concretamente, tecnicamente; e é pois essa sua psicologia, esse seu espirito que ha-de abstratamente surgir na sintese abstrata de todas as profissões, assim só surgidas em espirito e não concretamente, tecnicamente, *objetivamente*.

Hoje mesmo, vivendo nós ainda em grande parte uma vida objetiva, exterior, hoje mesmo os mais altos espiritos formam naturezas universaes e não naturezas estreitas, limitadas de tecnicos. Foi por não ser tecnico em cousa alguma, abrangendo em espirito tudo, ainda que imperfeitamente, que Ernesto Renan foi combatido por um sr. academico da Academia Rial das Sciencias o qual empregou todos os esforços para que ele não entrasse nela. Se entrou ou não, não sei nem me interessa sabel-o, estando eu certo que o interesse do proprio Ernesto Renan era nulo a tal respeito. Este pensador francez seria um mau filosofo, um mau historiador, um mau critico, um mau tudo que se quizer; não resta porem duvida que era um grande homem apesar dos erros gravissimos em que caiu o seu pensamento. O que não se pode é encaixal-o nesta ou naquela profissão determinada, sucedendo precisamente o mesmo com Nietzsche.

No passado, na Renascença por exemplo, dava-se muitas vezes acumulação de profissões diversas na mesma individualidade, tendo se dado isso com Michel Angelo e com Leonardo de Vinci, o grande pintor, o grande engenheiro, o grande matematico, o grande filosofo da Renascença italiana. Mas essas profissões surgiam destacadas umas das outras e surgiam tecnicamente, não em espirito; óra hoje vae-se tornando indispensavel que elas passem a surgir só em espirito e combinadas intimamente, essencialmente sem que se destaquem umas das outras. Isso sustentei eu numa carta a Marinetti, fundador do Futurismo.

E' preciso que se acabe com o preconceito que nos leva a imaginar que um pintor, por exemplo, só póde pintar com pinceis e pintar em telas. Isso é um absurdo, meus senhores! Se a pintura é só isso, hoje um pintor não deve pintar! A sua vida mental tem que ser tão complexa, tão proxima do Infinito que de modo algum pode caber nos estreitos limites duma tela. A unica tela admissivel para um pintor moderno é o Universo inteiro!... E' isso literatura? Não sei; apenas sei que assim é que deve ser.

Não quero dizer com isso que se pinte só em sonho onanistico. A vida de puro Sonho só será legitima quando tudo fôr sentido *absolutamente* como Sonho que terá assim a absoluta consistencia da Vida, confundindo-se com esta. Enquanto sentirmos num exterior objetivo rialidades distintas dos sonhos, estes serão insubsistentes, efemeros, onanisticos, não possuindo a consistencia da Vida por não serem para nós a realidade. Portanto, nunca hoje uma Obra deve ficar apenas em sonho, devendo sempre rialisar-se. Mas é sobretudo na Vida e em todo o ambiente que nós julgamos envolver-nos que essa Obra se deve realisar, não apenas num pedaço de papel, numa tela ou num bocado de marmore e bronze. Pintar, meus senhores, é criar uma grande cidade onde haja uma harmonia admiravel de côres admiraveis e um ritmo labyrintico de luzes e sombras atravez duma hecatombe de linhas prodigiosas cheias de beleza e de poder fascinador. O scenario feérico dessa grande cidade subordinada a um plano estetico complicadissimo e sem formas definidas nem geometricas, eis a obra excelente que um pintor moderno deve realisar. Posso não ter habilidade nenhuma para traçar uma linha num papel ou numa tela e entretanto se souber combinar na minha casa belos tons por meio de efeitos de luz e sombra adequados, eu posso pintar. E é nessa combinação de tons, luminosos ou sombrios, que eu pinto. E' a propria atmosfera do meu quarto que eu estou assim pintando e nessa propria atmosfera, não numa tela parva, opaca que nada me diz. O pintor deve-se tornar um cenografo genial. E na sua obra encontram-se combinadas a pintura, a arquitetura, a escultura, a literatura, a filosofia, a musica que tambem pode ser de côres. De todas essas artes assim combinadas, a que ainda hoje deve em parte ser tecnica, é sem duvida a arquitetura posto que obras arquiteturaes não sejam só predios e monumentos, podendo haver, por exemplo, uma arquitetura de luzes. E esses mesmos predios e monumentos podem ser de todos os modos deformados na nossa imaginação que os concebe, que os vê d'uma infinidade absoluta de

formas, fazendo parte deles todo o ambiente, toda a atmosfera que os envolve e que os penetra e os cria segundo maneiras infinitas reconhecidas pela nossa imaginação exaltada de futuristas. A sombra ou a luz que um monumento tem, faz parte dele e parte dele faz todo o Infinito que nele se reflete e que o amolda.

Entretanto, vivendo ainda muito objetivamente e não sempre duma forma subjetivista futurisante, temos que atender a cousas tecnicas como, por exemplo, a resistencia dos materiaes. Nós podemos conceber subjetivamente qualquer material de construção e a sua resistencia duma infinidade de modos pois duma infinidade de modos podemos conceber e ver um objeto qualquer, mesmo sem fazermos o que ficticiamente se chama mudal-o de posição, linguagem ficticia que só provem da nossa crença no objetivo. Entretanto concebendo como objetos, como cousas exteriores os taes materiaes de construção, mesmo que nem assim possamos determinar precisamente o que sejam, não resta duvida que os conceberemos — duma forma incerta, indecisa, é claro — que os conceberemos vagamente como qualquer cousa que exige vagas condições para se manter. Uma casa que cae a terra ou uma casa que se constroe nada mais é do que uma impressão subjetiva mas como nós ficticiamente a objectivamos, é em harmonia com esse vago, incerto, indeciso plano objetivista que temos de proceder. Não podemos ainda evitar que uma casa caia apenas sonhando que ela não cae, e porque a casa e a sua destruição são sentidas como qualquer cousa de objetivo e não ainda como sonho. E é colocando-nos nesse ponto de vista tão desolador que somos forçados a conceber ficticios materiais de construção como existentes num exterior ficticio e somos forçados a considerar neles, olhados objetivamente, resistencia ou não resistencia tão ficticiamente objetiva como eles proprios. Essa objetividade das cousas na qual ainda cremos, é que nos leva a admitir provisoriamente a tecnica em muitos casos. Mas essa crença num mundo objetivo exterior tenderá a desaparacer, tudo será sentido como sendo só Sonho, e portanto não mais consideraremos casas, materiaes de construção etc., cujo conceito hoje mesmo é já bastante indeterminavel. E por ser já um tanto indeterminavel é que não se pode determinar precisamente a natureza das profissões tecnicas que estudam o conceito das cousas ficticiamente objetivas: o conceito de casas e de construção de casas, por exemplo.

Emfim, hoje mesmo as profissões são bastante indeterminaveis e quanto mais altas são, menos as podemos determinar pois a tendencia será para uma crescente universalisação, procurando sair dos limites estreitos que outróra lhes eram impostos. Assim um artista e um intelectual pertencem quasi sempre em espirito a todas as profissões artisticas e puramente intelectuaes. O filosofo pinta do mesmo modo que o pintor pode fazer metafisica. D'ahi resulta que o argumento dos velhos gágás não cólhe. Artes plasticas? mas o que são artes plasticas? Tudo que nós quizermos que sejam! Elas não teem fronteiras definidas, não ha fronteiras definidas para nada!! Quem não faz, com certeza arte plastica nem arte nenhuma é o encadernador, o homem das peles e o da papelaria que tanto barafustaram na ultima assembléa geral da Sociedade das Belas Artes. Eles não possuem naturezas universaes, são muito estreitinhos, muito pequeninos e portanto não teem o direito de sair do seu «métier». Comnosco o caso é diferente. Nós não temos «métier», a nossa alma está bem aberta a tudo!...

E para que se procura valorisar tanto o espirito de profissionalismo tecnico quando é certo que a guerra foi a derrocada da tecnica e dos tecnicos?...

Foram os exercitos de milicianos que venceram o primeiro exercito do mundo e foi um erro militar, a saida de Galieni, que trouxe definitivamente a vitoria. Alem de que os tecnicos militares erravam sempre quando procuravam prever o desenrolamento das operações, sempre cheio de imprevistos. Surgiu tambem com a guerra o comercio de aventura que de modo algum obedece ás regras estabelecidas pelos profissionaes e foram os comerciantes amadores os que mais lucraram. Os economistas e financeiros já não percebem nada da situação que não se encontra sujeita ás leis economicas e financeiras. Emfim, é bem a «débacle» final da tecnica e do oficio. Os profissionaes teem sempre uma tal estreiteza de vida e de vistas que não podem vêr tudo, vêr o Infinito com que tudo se relaciona e de que tudo depende. A vida não se divide em caixinhas monadologicamente separadas umas das outras e assim isoladas. Tudo se comunica mutuamente, tudo depende de tudo e portanto um facto qualquer depende sempre dum infinito de circunstancias que nada teem que ver com a categoria tecnica do facto. Não são só rialmente as circunstancias tecnicas aquelas a que se deve atender. Taes circunstancias são mesmo as mais insignificantes, pois fóra delas encontra-se um mundo infinito doutras que as abafa assim com o seu peso formidavel. E os tecnicos, os profissionaes são tão estreitinhos nas suas vistas que não podem ver esse mundo infinito de influencias varias. Os alemães atendiam só ás circunstancias

militares: por isso perderam a guerra. Os aliados, desprezando em grande parte essas circunstancias, atenderam quasi á infinidade doutras de que dependia o resultado das operações: por isso venceram a guerra. São bem pouco tecnicos e portanto não possuem vistas estreitas, não se metendo jámais numa caixinha absurda. Teem uma natureza instintivamente universal aberta a tudo e pois a tudo sabem atender, tudo conhecendo em espirito: não tecnicamente, o que seria impossivel.

O maior defeito que encontro em mim, está sem duvida no facto de eu possuir uma excessiva cultura filosofica que me torna por vezes pesado e lento. A filosofia tem um espirito um tanto universal por natureza, mas sendo só pensamento, não contem ainda tudo, não é ainda absolutamente universal. E por isso o dominio dela sobre mim prejudica-me. Que, convençam-se meus senhores, o Futuro é das naturezas universaes, infinitas e não d'aquelas que se especialisam, estreitando a alma, dando-lhe limites, fronteiras que ela jámais deve possuir. Eu que nunca estudei propriamente teologia e que dos teologos medievais pouco mais conheço do que o aspeto metafisico ou theometafisico das suas conceções, desconhecendo quasi o seu aspeto propriamente theologico, eu possuo das cousas divinas um conhecimento bem mais profundo e completo do que o de todos os theologos da antiguidade medieval. Vivendo de reminiscencias ocultas que evocam a primeira vida que Eu vivi na Syria e no Egito antiquissimo em que tudo fui forçado a criar por determinação divina e para que depois se inspirassem em Mim, por intermedio da Kabala, os espiritos mais altos do Passado taes como Socrates, Platão e Plotino, vivendo dessas reminiscencias d'outra vida que tão violentamente sacodem hoje o Meu Espirito e todo o Meu Pensamento Altissimo, concebo uma nova Igreja e uma nova Religião que levam o Mundo para o Reino divino dos Céus, até agora jámais concebido em toda a sua altura e profundeza espirituaes, sendo só Eu o Anunciador dos Céus, o Anunciador da Morte. Das cousas de Deus sou pois o maior conhecedor sem que a theologia tenha jámais sido estudada por Mim.

O reinado da tecnica vai desaparecer. Não mais se admitem profissionaes de oficio. Possuem eles naturezas estreitas, limitadas que não se compadecem com a progressiva universalisação infinitisadora do eu. Caminhamos para um mundo de puro Espirito atravez de que todos os valores universais se sintetisam em cada ser. Esses valores surgirão puramente e é por isso que não mais hão-de surgir duma forma concreta, limitada, devendo surgir antes só no seu espirito abstrato que é quando se infinitisam. Cada ser os absorverá totalmente numa existencia puramente espiritual. E' na Morte que essa existencia pura, excessiva e pois abstrata surgirá atravez de nós em toda a sua amplitude; mas já na vida nós a podemos preparar intensamente e para que a Morte seja pura, para que seja vida excessiva, vida infinita e pois Vertigem infinita, pura, abstrata. Para a Vertigem tendemos anciosamente, é Ela o Reino da Morte, o Reino de Deus: ou o Seu espirito divino que é o Espirito Santo da Morte...

Tudo que é terrestre devemos condenar, devendo pois condenar profundamente a vida tecnica, profissional, que desconhece o Infinito, que desconhece Deus!...

NARCISO

O *poker* ia desmaiando até ao tedio. Nos candelabros magros, as lampadas eletricas tomavam auréolas de sôno. Conversava-se pouco. A noite ia acabando, sem interesse e sem alarme. Já varias creaturas saiam, a cabeça separada do tronco pelos *cache-cols*, o ar enfastiado e monótono dos inuteis. Olhavamo-nos todos, sem um recurso d'espirito. Fóra, as buzinas corriam, rompendo o nevoeiro, como brados. Por fim, a partida acabou. O velho barão israelita Jacob Asti, no seu perfil d'aguia civilizada deu umas boas-noites solenes — e desapareceu, atraz dos reposteiros escuros. Era uma silhueta dominadora — A pele encerada e lisa, um aprumo grave, cuidado, uma toilette toda feita de minucias, umas mãos extraordinariamente brancas, onde só havia uma ophita relampejante, isolada.

— Um homem interessante — comentou André de Cardes, na vaga obrigação de colocar uma legenda sobre a figura que se esvaira.

— Mais que interessante — asseverei eu — Vitorioso. Teem-me contado infinitas aventuras. Mas o que importa, para o prestigio dum homem, não são as aventuras que passam — são as aventuras que existem. N'este ponto, o barão é exuberante. Não conheço nenhum elegante de cincoenta anos que seja ainda o *amant de cœur* dessa bayadeira maravilhosa que é Nelly Simpson...

— Tens a certeza que o é? — deixou escapar, estirando-se na maple larga, espaçosa, acolhedora, Celestino Alter, o comentador ironico dos escandalos.

— Todos m'o afirmam. Por exemplo, o Ruy, que anda estonteado pelas sugestões envolventes, serpeantes, das danças de Nelly. Tem-se esgotado em tentativas, em audacias — e sempre, do outro lado, a frieza, o desprendimento — e o barão Jacob. De resto, êle proprio, o preferido, dissem'o ontem, num encontro casual, quando subiamos, de braço dado, a Avenida. Que sim — que a pequena escocesa, com aquela graça arveolada e agil, com a sensualidade dos seus gestos e o assucarado sortilegio da sua voz — impressionára-se por êle, caira-lhe um dia nos braços, dentro da *limousine*, quando fleugmatico, diplomatico, êle a acompanhava ao teatro...

— Se foi o barão Jacob que t'o contou, terei que duvidar — contrariou Celestino Alter.

— Não vejo porquê...

O sorriso dêle foi de piedade cinica:

— Crédulo! Não vês porquê! E' que não conheces, como eu, a psicologia desses triunfadores fâtuos, que clamam a sua gloria — sem que a sua gloria seja mais do que a imaginação do orgulho. *On prend aisément le pli d'être adoré*... Acredita em Donmic... O que é dificil é um homem resignar-se á obscuridade, á submissão. A vaidade — é sempre a voz que mais facilmente se escuta. Temos mais facilidade em nos acreditar cheios de prestigios e de sucessos — do que em distinguir claramente a nossa derrota. O barão Jacob Asti é desses que passam na vida embrulhados na toga opulenta do narcisismo. Não tem uma duvida sôbre si proprio, sôbre o seu valor, sôbre a sua superioridade. E quando alguma aparencia vem contrariar a sua teoria d'amôr-proprio — logo a inverte e a converte a seu favôr. Acredita...

Mas André de Cardes intervinha:

— Você pode ter razão. Mas esquece uma coisa. Ha sempre um inimigo á espreita contra esse orgulho, essa segurança dos homens — são as mulheres. Com que facilidade elas os curvam, lhes amachucam o aprumo!...

— Para isso — interrompi — é preciso que os homens se preocupem com elas. O barão Jacob podia ser um misógino, um indiferente...

— Pelo contrario — esclareceu Celestino Alter — o barão Jacob foi sempre um colecionador atento de mulheres.

— Então...

— Então, é que vocês desconhecem a especie tenaz, inquebrantavel, desta vaidade, desta altaneria. O barão Jacob nunca poderia ser vencido por uma mulher — porque nunca se confessaria vencido. E emquanto não ha a confissão — a derrota não se consolida. Foi isso que lhe sucedeu com a embaixatriz do Egito. Mas já ia a entrar no detestável declive das anedotas. Perdõem...

— Pelo contrario. Conta. Esta hora é a melhor para conversar. Todos se foram. Na rua, chove desabaladamente, á doida. Aqui, é acarinhante, intimo. Vá, conta...

— De resto, resume-se — e é um instante. A embaixatriz do Egito — vocês lembram-se... Um acontecimento. Cleopátra voltava, aromada a sandalo, com joias doentes em todos os dedos. Era uma beleza dum sensualismo prodigioso, aliciante, com as pupilas languidas como angorás de veludo, toda aquela coloração d'epiderme, que apetecia pespontar a beijos viciosos — e aquele ar longo d'entrega com que ela se movia, em cada movimento uma desnudação, uma tontura amolecida... Andou aqui tudo á volta do avatar maravilhoso da amante de Marco-Antonio, da rainha das piramides e das serpentes. O barão Jacob, na primeira linha — com o moço conde Teodoro, aquêle diplomata que parecia feito em cristal da Boemia,

com o jornalista Celestino Alter, que lhes está falando, e que foi sempre um amador de sensações exoticas — e quantos outros mais — todos! Mas os insistentes, os escravisadòs eram o barão Jacob e o conde Teodoro. Discutiam-se. Faziam-se apostas. Um dia, o barão surpreendeu, num club, alguem cuja opinião contestava a possibilidade do seu triunfo. E, implacavel, impassivel, apostou cem libras em como, dentro de três mezes, a embaixatriz entraria no seu palacio arabe da Rua de Talmar. Eu fui uma das testemunhas da aposta. Passaram semanas. Estive na Alemanha. Voltei. Um dos primeiros *potins* que me disseram foi a escandalosa preferencia de Cleopatra pelo jovem conde Teodoro e pela sua esbelteza fragil de cristal de Boemia. Andavam sempre juntos, alguem os tinha surpreendido, certa noite, a descer dum Benz fechado, numa rua escura. Era claro, era indiscutivel. — E o barão Jacob? O barão Jacob — responderam-me — desaparecera. Devia estar em plena derrota. Sorri, passei adeante. Mas, corrido um mez, falaram-me ao telefone. Uma voz conhecida, ha muito ausente — era êle. Pedia-me para ir a sua casa no dia seguinte ás quatro. Não faltei. Quando entrava, cruzei-me com uma mulher de longo véu negro, andar de gondola e de espasmo, que reconheci logo. Não sei porque foi, onde foi, como foi. Mas o barão Jacob ganhára.

— E êle não te explicou?

— Contentou-se em me afirmar, no seu ar olimpico de sempre, que nem um momento duvidara da sua vitoria. E, acrescentava, numa ironia soberba, a aposta fôra apenas para corretivo d'alguns blagueurs que discutiam a sua aura — e d'aquele pobre Teodoro, abonecado e quebradiço, que abrigara, durante momentos, a desmesurada aspiração de ser um obstaculo para êle...

JOÃO AMEAL

ALBERT JOURDAIN
"SOMBRINHAS"
Colecção Agostinho Fernandes

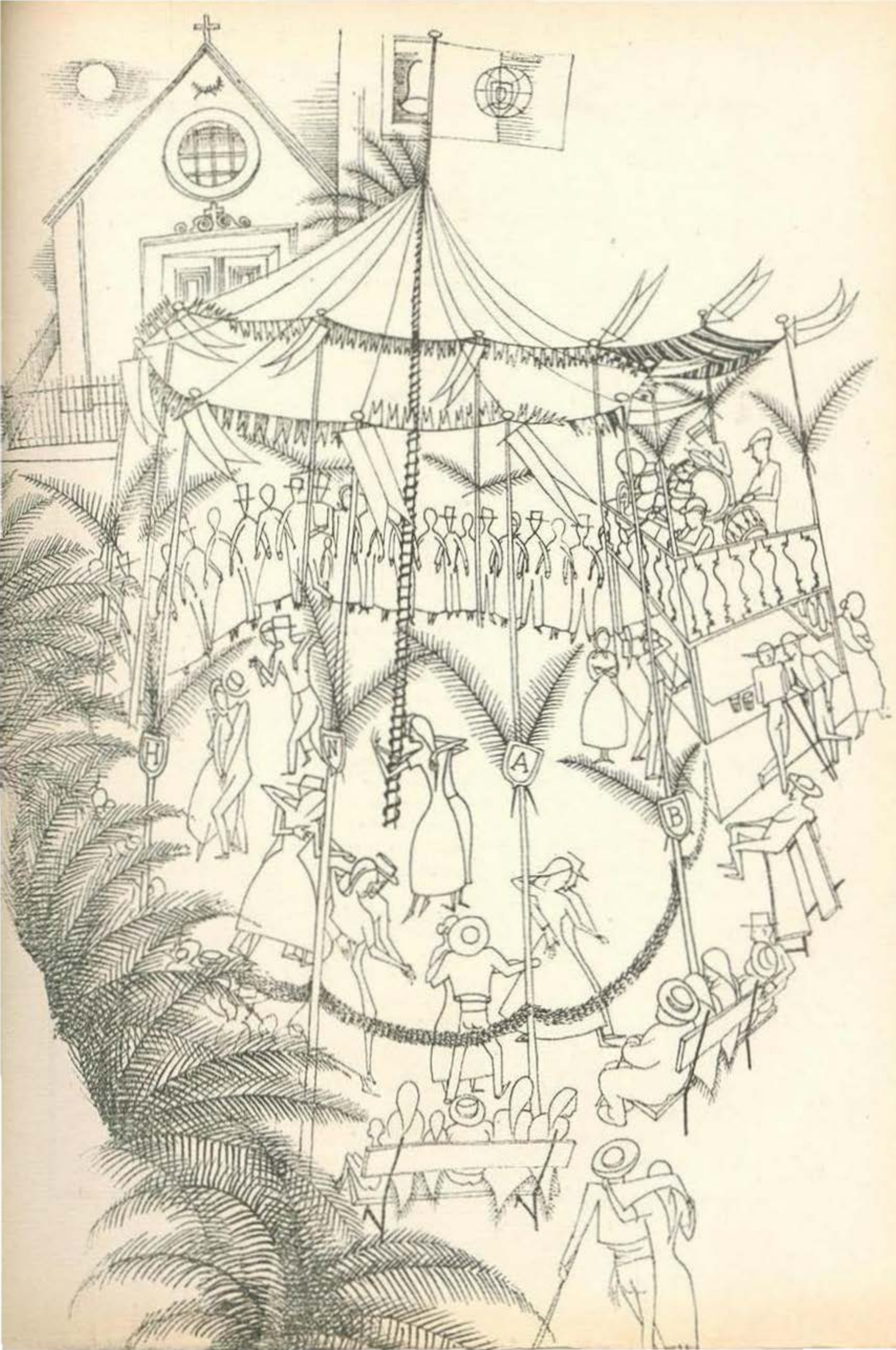
RONDEL DO ALEM TEJO

Em minarête
mâte
bate
leve
verde neve
minuette
de luar.

Meia-Noite
do Segrêdo
no penêdo
d'uma noite
de luar.

Olhôs caros
de Morgada
enfeitada
com prepar os
de luar.

Rompem fôgo
pandeiretas
morenitas,
bailam têtas
e bonitas,
bailam chitas
e jaquetas,
são as fitas
desafôgo
de luar.

H
N
A
B

Vôa o chaile
andorinha
pelo baile,
e a vida
doentinha
e a ermida
ao luar.

Laçarote
escarlate
de cócóte
álegria
de Maria
la-ri-rate
em folia
de luar.

Giram pés
giram passos,
girasoes
e os bonnets,
e os braços
d'estes dois
giram laços
ao luar.

O collête
d'esta Virgem
endoidece
como o S
do foguête
em vertigem
de luar.

Em minarête
mâte
bate
leve
verde neve
minuette
de luar.

almada 1913

TEATRO

A CAVALGADA NAS NUVENS E O TEATRO-HISTORICO

CARLOS Selvagem, fez representar no Nacional uma narrativa com feição de teatro a que deu o titulo de CAVALGADA NAS NUVENS.

A altisonância do nome, parece indicar que a peça, esteve vai não vai na imaginação do autor para ser em verso, como é de uso nas empreitadas do estilo. Mas afinal saiu em prosa.

Desta feita salvou-se o público de assistir ao já tão explorado matraquear de alexandrinos, para ouvir de pachorra um e outro anacronismo em frases de «pernas para o ar» como tambem é de uso em construções semelhantes.

Ignoramos se por amor á verdade, se para salvar a responsabilidade do dramaturgo, são todos quasi unânimes em dizer que esta CAVALGADA NAS NUVENS foi a sua primeira peça. Se assim é, tambem foi pena que o autor se lembrasse de a trazer á ribalta, onde, se o seu nome a não firmasse, nos passaria sem registo.

Assim, por ingenuidade ou desleixo, e depois de evidenciar-se como raros na tentativa a esboçar de teatro moderno em Portugal; depois de haver escrito ENTRE-GIESTAS, que é, incontestavelmente e por emquanto, a maior senão a unica peça regional do teatro português, Carlos Selvagem fez sair da gaveta este caderno de exercícios, este como que têma de Olendorff do autor quando aprendia teatro... Nem mesmo escapou á influencia de Alcacer-Kibir de D. João da Camara que deve ter sido o seu autor predilecto, nessa época de verduras em que todos nós temos o nosso...

Ora o teatro designado histórico, neste vai-vem reformista dos nossos dias, uma vez despido das galas fúteis que os homens de ha vinte anos lhe emprestaram, mostra apenas uma inferioridade originária, com os seguintes sintômas de tentativas falhadas:

TENTATIVA TEATRAL: Apenas um debuxo constante de figuras históricas, como que decalcado a lápis e papel transparente em compêndios e crónicas. D'aí, um conjunto dramático de bonecos inexpressivos, onde o autor julga vêr sempre os originais que lhe serviram de molde.

TENTATIVA LITERÁRIA: Versos, versos e mais versos. Fràses, frases e mais frases. Por nota de arcaísmo, escritas propositadamente de revez. Vocabulário obsoleto em que os antepassados se truanisam e apoucam no ideal da plateia, ao extremo desta os não reconhecer, porque nunca os havia imaginado assim.

Mesmo quando a peça é em prosa, (o que raras vezes sucede) o cunho enfático do diálogo é de tal maneira acentuado; as atitudes, a empurrões de verborreia, vão a um extremo tal de impertinência, que sobeja no público a impressão de que os cavalheiros aludidos não foram mais do que uma súcia de pedantes!

E tudo para conseguir esta coisa fácil e banal: Falar difícil!

TENTATIVA SCÉNICA: Nunca os interpretes acharão relação entre a psicologia própria e a da figura evocada, — figura que o autor já de si não conseguiu plasticisar. — Assim o público, habituado a vêr êsses interpretes em anteriores desempenhos, que vão desde a «pochade» pela baixa-comédia ao drama moderno, jámais os poderá tomar a sério. Sabe, e muito bem, que tudo aquilo é a fingir... E por vehemente que seja o aplauso que muitas vezes concede, esse aplauso apenas se dirige ao recitativo, muito embora empolgante mas nunca inteligente nem consciente.

Ainda mesmo que desse recitativo, e das «tiradas» chamadas de «frisson», alguma coisa ficasse, tudo cairia pela «entourage» de figurantes, miseravel sempre, e sempre excessivamente grotêsca.

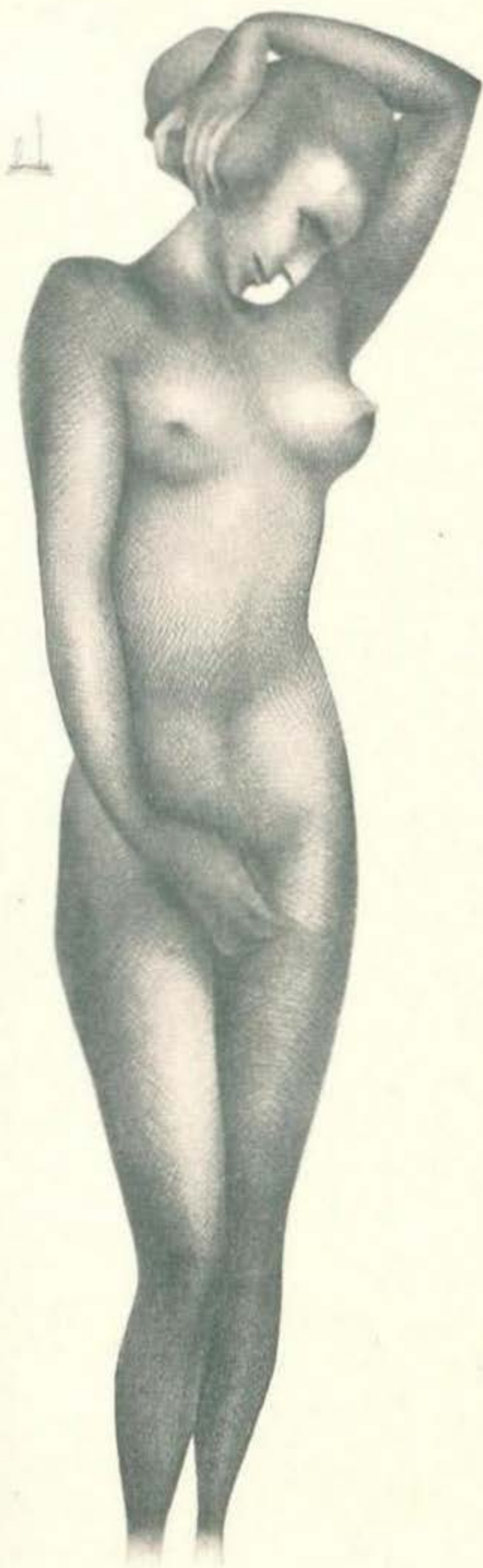
Esses pobres-diabos, com atitudes canhestras dentro duma indumentaria, vistosa á força de inverosímil; pagos a soldo exíguo para trazer a público, mercenáriamente, em suas mãos raquíticas um espadalhão de lata, é bem o símbolo dum género de teatro que faliu.

Teatro histórico, não!

«Cégada á história» lhe devemos chamar. E como tal, pior, muito pior — porque então lhe falta a sinceridade e o meio — do que as saídas dos bairros operários num Carnaval irrisório de agua-forte de Goya.

Teatro histórico, não!...

OLIVEIRA MOUTA

Entre os hors texte reproduzimos o "Santo Antonio,, de Columbano

Põe nos labios carmim e pó d'arroz na face,
Envolve o corpo airoso em sedas e veludo,
Que em torno á fronte calma o teu cabelo esvoace
Fazendo que ao beija-lo eu sonhe e esqueça tudo.

Rebusca a sensação mais rara e complicada,
Faz-me vibrar sofrendo e junta a dor ao goso,
Que ao abraçar-te encontre a amante requintada,
O delirio no amor, o vicio voluptuoso.

Dificulta o prazer, demora-me a alegria,
Enlouquece-me assim numa caricia louca,
Envolve-me em perfume, aroma que inebria,
Cada vez que se junta a minha á tua boca.

Sê complicada e terna, extranha e original,
Não sejas tal qual és, embora sejas linda,
Se eguaes são as mulheres em graça natural
Reveste de artificio a tua graça infinda.

Mas a alma... conserva-a pura inalterada
Não lhe toques sequer ainda que ao de leve;
Pinta os olhos, o rosto, a boca enfeitiçada,
Mas deixa o coração tão branco como a neve.

28-12-921

José Rodes

PARIS de França

EXCERPTO DE PARIS

movimento

E CÔR

POR
Fortunato Velez

QUE raiva! tanta gente
enerva! Mais ainda: encolerisa, enfarta!

Vá mais depressa! passe...
Não passa! Um raio a parta!
Ora o estupôr da velha, aqui a pizar ovos!

. . . .

Não compro! não me mace!
—Clemenceau's com movimento...
Que tal está o do invento!—

. . . .

E a pescar rapazes novos...
Croia velha! Canastrão!

«L'Intran... sigeant...»

Quatro «sous»! Ora o ladrão!
Vê-se bem que sou extrangeiro...

E esta! Sempre a esbarrar com «poilus»!
Vitrines de latão com trapos de cem côres...
Apliquem-lhe o letreiro:

TARTARINS METRALHADORES
COM QUATRO ANOS DE CAÇA,
QUEREM SER ADMIRADOS
POR TODA A GENTE QUE PASSA.

Nanja eu que os admire.

. . . .

«Viens...»

. . . .

Qual «viens» nem meio «viens», deixa-te d'isso!

. . . .

E as luzes do boulevard,
via-lactea burgueza
de lamparinas a par!

E o Louvre a evocar uma tragedia obscura...
—Lupanar dos Valois
com exposição de pintura!—

«Oh! pardon Monsieur...»

Arre que é bruto!
Não se pode parar ao pé desta canalha!

A tal senhora de luto
lá foi sentar-se agora no Café...

—Aquele velho no Braibant, não falha!—

Vamos lá sentar tambem
para vêr como isto é.

. . . .

«Garçon, vite!»

A beberagem não presta,
e a madame... «je m'en vais».

Gosta mais de Americanos,
os tais soldados guerreiros
da marca U. S. A.
Os Sem-Pavor das maquinas Smith,
Cavaleiros da Ordem do Guindaste
que vai extendendo o braço para cá.

. . . .

. . . . . . Zut! Zut!
o «autobús»
apezar da ligeireza
faz um barulho infame de Babel!
Mas digam lá com franqueza,
— se isso é coisa que lhes sobra —
d'aqui, não lhes parece a torre Eiffel
um exemplar de ferro e aço em obra?

Tambem pode lembrar
um monstruoso A sobre alvenéis
realisando a forma
dum grande peza-papeis.

. . . .

«Oh c'est rigolot!»
— Um arabe a passar de manto e de turbante. —

. . . .

«C'est rigolot...» A dona serigaita
nada conhece alem do paletot.
Julga que o mundo é França ou é farçante.

Odeio tudo isto! E' bem de vêr,
se já não tenho na algibeira um «sou»
nem um cigarro!

Oh Portugal! Café Martinho! Oh Tu!...

Que horrivel ditadura esta «purée»!
Agoniso no sonho e no bulicio...
Escorreu-me a sorte sem deixar resquicio!

Entro na sombra emfim do Chatelet.

. . . .

Do Chatelet!...

MONTMARTRE
Agosto 1919

MARIO O INCULTO

S*ÊR novo é sepultar o Passado; o contrario é sêr velho, é sêr o proprio Lazaro resuscitado; é sêr Lazaro e toda a miseria de Lazaro.*

Crear *é abrir uma cova; serás coveiro se existir em ti um creador, e quanto mais coveiro mais creador!*

— E como se poderá sêr um bom coveiro?: — Esquecendo; ou ainda melhor, — ignorando; porque se o esquecimento é um cemiterio, a ignorancia é o esquecimento do esquecimento!

Cérebro ocupado é cerebro morto; especialista é um morto. Corolário: — quanto mais morto mais especialista!

Só pode sêr um grande pensador aquele que não tem nada em que pensar. Saber que o sabêr não ocupa logar, é um pseudo sabêr que mais que nenhum outro, ocupa logar. Nada sabêr do que se vê, é muito mais saber do que se não vê. Quanto mais se ignora o que se sabe, mais se sabe o que se ignora!

Só se alcança a virtude de tornar a vêr, quando se tornou a esquecer o que já se viu. A Inteligencia é um panorama de lembranças; a Inteligencia matou a Inteligencia do Homem!

Crear... *é diminuir a capacidade de crear; tanto menor é o caminho a percorrer quanto maior haja sido o percorrido;* trenar *é perder o costume!...*

O Habito mata; — não é a propria Morte um habito da Vida?

O Habito é a memoria. Eu tambem sou o Princpe dum morto imperio que com o velho bastão do seu comando, revolve as cinzas que ainda palpitam e deitam faúlhas! Com um ar agitado de cabeça de virgem empoeirei-me no mundo a olhar os comparsas: assim fui eu o quer que fôsse de nobre que entrou de se estragar com habitos plebeus; todo o habito é plebeu!

O que podesse saltar de mundo para mundo saltaria duma ideia em outra ideia!

Grande virtude é conservar na vida o Inesperado; as creanças vêem melhor que os homens, porque as creanças ainda estão no inesperado da propria vida!

Só se é pensador ao sair da Infancia: depois o Homem é unicamente um detalhe aperfeiçoado do Homem de Infancia!

Qualquer coisa que nos provoque ideias, porfim deixará de as provocar, e é preciso aparecer com outro aspecto para de novo provocar ideias. O Neologismo *é a sciencia de pensar; novidade é grandêza; tudo tende a afastar-se da ideia d'origem, e só a estranhêza convida de novo á ideia d'origem!*

É necessario descalejar os olhos, — e nada ha mais salutar que o paradoxo: *deslocar é descalejar os olhos; nada como esfrega-los para bem olhar... a menos que se não adquira o habito de esfrega-los!*

Nada de costumes, nem bons nem máus; habitos são vicios, tudo isso é o bolôr dos sedentarios; a propria linguagem é um velho habito, serie de imitações, preguiça mental!

Nada ha peior que fixarmo-nos no que somos, tornando-nos o contrario do que não somos.

A Dúvida é meio caminho para a verdade, e o Paradoxo é o resto do caminho. Mundo ás avéssas é mundo novo; o paradoxo põe a gente em sobresalto; o pensamento é filho do contraste!

Nervosos, transitorios, contradictorios,—assim vos queria eu, ó homens d'hoje!

Vêde que bela corrente começa no Mundo sôbre o velho didático dos conventos!

Ah, risos alvares, risos alvares, sobre os desordenados, sobre os sublimes! cada um de vós é por todos a mesma coisa, e eles são por todos vós uma coisa diferente! Seu éstro destruidor e de larga virtude, tão amesquinhador dos pequenos conformes, tão amesquinhador dos que não são loucos, é, afinal, um fenomeno advinhatorio, qualquer predição, qualquer pronuncio!

Toda a quietação é um pronuncio de Plebe, e todo o rebelde um pronuncio aristocrático, por mais ordinarão *que ele pareça!*

Que sêja sempre a vossa quietação um preparativo de novas correrias; bemdito o desassocêgo e a muita perfeição que isso desnúda! Haja vertigem, haja ranger de dentes, e um grãosinho de loucura e a obra é bôa!

Aonde ha desordem ha creação; o momento que precede uma descoberta é um cáos tormentoso de infinita luz: descobrir é coordenar a luz.

Só quando o Mundo anda ao sabôr da Plebe se transforma num rebôlo imundo a recuar nas patas dum escaravêlho: não ha conservador *que não seja um escaravelho!*

Todos os rebeldes são interessantes, por mais ordinarios *que eles pareçam!*

No dia em que eu proprio não chegar à loucura, eu quero pertencer á loucura das cousas.

Duvido sempre do valôr espiritual d'aquele cuja vida não diverge. A mocidade é um abismo para as coisas velhas; velhice significa: querer o que foi: onde se tende a conservar aquilo que foi, ha o envelhecimento do quer que é. Eu sou a mocidade ou o vento abismal, eu derrúo o que foi! A' minha passagem secarão as cabeças dos filosofos, e minha gloria e fama, bem como a do escarnecido Rei dos Judeus, atingirão os cumes do Himalaia!

O melhor pensador é o peripatético.

Os velhos prejudicam com a presença, nunca aparecem nem desaparecem a tempo; eu quero aparecer aos olhos de todos, e apagar-me bruscamente deante

de todos: passar como um rufo, um éco de luz! Desta maneira serei formoso, extremamente aliviado do espirito pesado. Despertarei os grandes olhos da Verdade, preza do Inesperado e da minha levêza; a minha briza refresca-la-ha como uma caricia de deliciosas plumas; dirà: «E' formoso e elegante como uma fuga!...» e eu, no entanto, nem sequer saberei de mim!

Os antigos não eram menos inteligentes que os modernos: o que tinham era habitos, pouco modernos: porque ha habitos, até de inferioridade!
Sempre existiram todas as qualidades em todos os tempos; mas uma época ajuda a expressão d'um lote d'homens, e outra época outro lóte.
A virtude dum século não está superior á virtude do século anterior; vêr mais, não é de modo algum egual a vêr muito: uma coisa é ter olhos, e outra coisa é vêr o mundo complicado!
Necessario é despirmo-nos da moda dos outros; aquêle que regressou ao seu natural, embora inferior, ainda é superior àquele que se afastou do seu natural; necessario é esquecer. Sêr esquecido é sêr novo; depressa passa o que se lembra do que passa.
Esquecer é renascer; é ...portanto, regressar ao remoto passado. Avançar é voltar; é apenas rodar sobre si-proprio; é sêr egual ao que outrora rodou sobre si-proprio!
Sábio é o que perscruta o proprio sangue; ignorante é o sábio que escuta o que perscruta o proprio sangue.
Aquele que trilhou os seus caminhos viu á direita e á esquerda muitos caminhos, — mas aquele que trilhou caminhos alheios não encontrou um único caminho!
Oh! a tirania do Existente; *é mais dificil destruir que construir; destruir é* naturalmente *construir. Estragar, contudo, não é destruir!*
Posso supôr um palacio num logar vazio, porém, no lugar d'algum palacio sou incapaz de supôr um logar vazio.
Se é dificil crêar, mais dificil é retirar o que está creado; — oh, a tirania do Existente!
Que não me houvessem insinuado a ideia de Deus, e eu já teria descoberto o principio das coisas!
O maior livro ha de ainda escrevê-lo o maior ignorante. Por óra não conheço escritor algum; deles apenas conheço que conhecem demais; quanto menos conhecermos os livros dos outros, mais os outros conhecerão os nossos.
Sabe mais o que se observa que o que observa; quem pretenda estudar-se não deva estudar; para suscitarmos grandes pensamentos basta voluntariamente meditarmos nos nossos involuntarios pensamentos; surprehender as proprias meditações, é inexgotavel fonte de meditações.
Espelho é o Mundo á volta dos grandes: os grandes espiritos costumam debater-se num mar de macácos... coisa irrisória é o reflexo dos grandes espiritos! Mas que obra a de macácos... é um horror! Se valem ás vezes é porque as mais das vêzes nada valem; nada ha melhor para apreciarmos alguma obra que nos termos aborrecido com outra obra: pequenas chamas chegam a brilhar na ausencia do sol. A aproximação prejudica o sentido da avaliação; a distancia faz dum astro uma fagulha, e duma fagulha um astro!
Onde não manda uma vocação profunda ha um mal-entendido em todo o assunto; só se cria onde se ama e só se ama a valêr o proprio filho!

MARIO SAA

CONFIDENCIA A PIERROT

POR

AMERICO DURÃO

O' Pierrot, velho simbolo cançado,
Toda a saudade em teu olhar se abriga,
E a tua voz num fremito mendiga
Ao Sonho o esquecimento do Passado!...

Irmão Pierrot, ó timido exilado,
Tambem eu ando morto de fadiga,
Minh'alma de si mesma é inimiga,
E eu choro de mim proprio fatigado.

É de mim, é de mim principalmente,
De quem eu mais quizera andar ausente,
E de quem, dia e noite, me acompanho!

Fôra eu pastor, vivesse a errar nos montes...
E perdido entre os ermos horisontes,
De mim e da minh'alma andasse extranho.

MAIO 1922

Confidencia

por

J. M. CANTILLO

Sí, querida, lo que te han dicho es la verdad: no me casaré
» com Vidal. No, no y no. Comprendo el asombro que ésto
» te producirá, despues de nuestras conversaciones de Ca-
» cheuta, despues de mis confidencias.

» ¿No te dije yo misma, con mis propios labios, en
» nuestra última excursion, que a mi regreso a Buenos Aires
» le daría el irrevocable *sí*? Pues, no, no se lo doy. Y no
» creas que reniego de mis pasadas confidencias, de mis
» apreciaciones, de mis juicios. No creas que todo aquello
» de Cacheuta fué improvisacion, capricho, ligereza, pala-
» brerio. Me conoces lo bastante para saber que no soy afi-
» cionada a expansiones in-consultas, que no me encegue-
» cen ni me perturban los homenajes e que mi cabecita dá muchas vueltas
» a las cosas antes de hablar de ellas. No. Todo çuanto te dije entonces
» era verdad, verdad bien pensada y mejor sentida.

» Vidal, com sus veintiseis años prematuramente encanecidos, con
» su discreta elegancia y su diligente amabilidad, ejercia sobre mí una
» verdadera atraccion, de esas que al princípio se insinuan sin inquietar
» y luego se afianzan sin pedir permiso. No que fuera un genio. No por
» cierto. Tal vez si lo hubiera sido no me hubiera atraído. Sin embargo,
» con ser igual en aptitudes y condiciones morales a muchos hombres de
» su medio y de su edad, tenía algo proprio, inconfundible que, para mí,
» le destacaba. No era tampoco un Adonis, lejos de eso. ¿Qué tenía enton-
» ces? Yo misma no lo sabía, pero el hecho era ese: me gustaba.

» En cuanto llegaba yo a un baile o al teatro y le veía entre la con-
» currencia, con esa su discreta elegancia de que he hablado y esa cabelle-
» ra casi blanca a pesar de sus pocos años, experimentaba la impresion de
» que los demás no eran como él, que eran, no diré inferiores ni menos
» dignos, pero diferentes. Desaparecia como por encanto todo cuanto uni-
» formaba a los aspirantes, esa infinidad de semejanzas indefinibles que
» funde en una sola mancha todos los fracs y reparte la misma sonrisa en
» todos los lábios. Vidal *emergía*. ¿No has visto a tus hermanas menores
» tomar alguna vez una de esas revistas cinematográficas norte-america-

» nas llenas de figuras de jóvenes actores y, despues de un rápido examen » de sus páginas, recortar tal o cual silueta? Pues bien, yo *recortaba* mentalmente a Vidal. Y al fin y al cabo, amar no es más que eso: *separar, aislar, diferenciar.*

»Recuerdo que tu me dijiste cierto dia: ¡qué triste es ésto de llegar a una fiesta, entre el bullício de las voces y el sonido de los violines, » sin tener un punto de referencia, previsto, adivinado antes de entrar, » sin descubrir en el conjunto de jóvenes peripuestos otra cosa que una » masa sombria, bien nivelada, anónima, de fracs entallados, cuellos rígidos y cabelleras domadas por *la ambrina!* Tenias razon. Pues bien, » gracias a Vidal, al Vidal de aquellos buenos tiempos, eso no ocurría para » mí. No bien penetraba yo en un salon o en el teatro, le divisaba, con su » cabellera gris que hacía mas joven aún su rostro terso y mas viva la mirada. Luego se acercaba a mí y su conversacion, sin rasgos llamativos, » cobraba especial encanto, tenía cierta gravedad, cierta —¿como te diré?— » cierta fresca madurez que congeniaba a un tiempo con sus canas y con » su juventud. Sabía sonreir y hasta puedo decir que era alegre, muy alegre, » pero su sonrisa, su alegria parecian esconder un fondo de gran seriedad, » de experiencia, que tranquilizaba.

» Yo, tan insignificante a su lado, com mis pobrecitos veinte años, » me sentia protegida y experimentaba una intensa gratitud al ver que él, » tan diferente de los demás, me elegía a mi, tan luego a mi, entre tantas » otras mas hermosas o mejores. Te diré más; hasta tenía ganas de pedirle » consejo. ¡Me inspiraba tanta confianza! Perdía yo ante él esa actitud defensiva que nos imponemos siempre en presencia de un hombre, sobre » todo de un hombre que nos corteja, que dice amarnos. Y no pienses » que se trataba de *niñerías*. Bien sabes que no me han faltado pretendientes. Los he tenido muy diversos, altos y bajos, rubios y morenos, » cautelosos y tímidos o audaces y emprendedores. Pues nada. En mí éspíritu todos ellos se confundian, iguales entre sí, incoloros. Solo se sobreponia Vidal, siempre Vidal. ¡Si habré oído cumplimientos, elogios y hasta » declaraciones! Pero a todas esas palabras de bocas juveniles les encontraba un sonido hueco, vano, fugaz... En cambio, cuando él, joven como » los demás, me decia las mismas cosas, me parecian otras. Al amparo de » sus canas los vocablos de amor se ennoblecian, cobraban resonancia y yo » me recojía para escucharlos...

» Pero entonces, dirás tu, ¿porqué este cambio en tus propósitos? » ¿porqué no dar el *sí*, el famoso *sí?* Ah! querida, es que ahora no puedo, » no puedo. He vuelto a ver a Vidal y la magia se ha desvanecido. Vidal » se ha teñido el pelo!»

J. M. Cantillo

Ministro da Argentina em Portugal
colaborador do «Mercure de France»

PARA A ELABORAÇÃO DE UMA HISTORIA DA ARTE PORTUGUESA

POR

VERGILIO CORREIA

A HISTORIA da Arte portuguesa tem sido feita por estrangeiros. E' esta uma verdade fundamental e dolorosamente deprimente em que temos de assentar.

Desde Murphy, que em fins do seculo XVIII mediu, estudou e desenhou a Batalha, até Walter Crum Watson, que no começo da centuria atual publicou o primeiro trabalho de conjunto sobre a arquitetura portuguesa, têm sido inglezes, alemães, polacos, francêses e hespanhoes, os autores das teorias, dos sistemas, das historias concernentes à arte lusitana. Os nomes de Raczinski, Robinson, Celeneuer, Yriarte, Justi, Haupt, Bertaux, Watson, Dieulafoy percutem, com a sua bárbara acentuação, o tranquilo recolhimento das tradições e a doçura da lingua.

Caindo sobre um mundo novo e inexplorado, todos estes escritores publicaram, sem receio de controversias ou de criticas fundamentadas, o que muito bem lhes apeteceu. E como o critico, por ser critico, não deixa de possuir uma nacionalidade, todos trataram de entroncar na arte dos respectivos paises, o que de bom encontraram aqui.

Sob este aspecto os mais de assinalar são os francêses. Só é bom, sem reservas, o que é francês, e tudo o que tem valor e não deve, por manifesta impossibilidade, atribuir-se ao espirito gaulez, deriva contudo, por influencias mais ou menos directas, da arte da França...

A apreciação desapaixonada dos trabalhos dos criticos estrangeiros, explicaria a teia de lendas, de ideias preconcebidas, de sistemas delirantes em que, hoje ainda, se debate a historia artistica nacional. O que de melhor deixaram em descrições e reproduções de monumentos, estragaram-no, quasi sempre, com essas teorias, que os portuguêses possuidores de conhecimentos claros acêrca dos estilos e o desenrolar dos grandes ciclos plasticos não podiam eficazmente combater por lhe faltarem historias, monografias, catalogos e inventarios dos monumentos e peças de valia, expostas nos museus ou guardadas em igrejas, palacios e mosteiros.

Os cronistas da arte portuguesa, do começo do seculo de oitocentos, Valkmar Machado, Taborda, O Cardeal Saraiva, o Abade de Castro, haviam relacionado mais do que criticado, sendo os seus depoimentos sómente valiosos na parte referente ao seculo XVIII. O que ficava para traz perdia-se numa obscuridade que os fogachos acendidos junto ás tendas de alguns pintores reaes não eram suficientes para dissipar. Francisco de Holanda não quizera, infelizmente, ser o nosso Vasari. Nem mesmo que o quizesse o poderia, certamente, ter sido, um homem que não compreendia os *goticos*.

E' necessario galgar todo o seculo XIX para deparar com o verdadeiro creador da historia de arte portuguêsa, Sousa Viterbo, poligrafo notabilissimo que durante largos anos, num trabalho exaustivo que o cegou, revolveu os arquivos recolhendo documentos referentes aos artistas e artifices lusitanos.

A' sua volta e seguindo o seu exemplo, Gabriel Pereira, Brito Rebelo, Prudencio Garcia, Maximiano de Aragão, D. José Pessanha e Teixeira de Carvalho, coligiram materiaes valiosos para a mesma obra de reconstituição.

A Sousa Viterbo faltavam porem a sensibilidade e os conhecimentos praticos que lhe permitissem aproveitar os trabalhos de investigação que realizára. E foi o Dr. Teixeira de Carvalho, o ultimo dos citados, que veio recortar dentro da literatura da especialidade, a silhueta do tipo superior do critico-investigador dos nossos dias, apetrechado convenientemente para a conquista definitiva de soluções para os nossos grandes problemas de arte antiga. Os seus volumes *Ceramica Coimbrã no seculo XVI, Domingos Antonio de Sequeira em Italia, Ourives de Coimbra* e *Mosteiro de S. Marcos*, recentemente publicados, demonstram exuberantemente as excecionaes qualidades do autor e o quanto deveriamos contar com a sua vasta inteligencia e capacidade de trabalho superiormente orientado.

*

Os problemas fundamentaes concernentes às artes portuguêsas continuam, de facto, sem solução.

No que respeita à arquitetura estamos longe de poder considerar estudados, quanto mais sintetisados, os problemas da arquitetura romanica, da difusão do gotico, da transformação manuelina e da importação do renascimento

Na escultura, a obra de recolha, ordenação e depuração, do professor Antonio Augusto Gonçalves, em Coimbra, é por emquanto, isolada.

Na pintura os resultados obtidos até agora, estão longe de corresponder ao numero de documentos que possuimos. A uma lista imensa de quadros contrapõe-se um rol não menos extenso de nomes de pintores. As ligações tentadas entre uma e outra são, quasi todas, arbitrarias e insubsistentes. Jorge Afonso, pintor real de D. Manuel, e não quero citar mais que este exemplo, hoje figurando como autor de dezenas de quadros, não tem uma unica obra identificada.

Nas artes decorativas sucede o mesmo. A contribuição formidavel de Sousa Viterbo não teve ainda quem a aproveitasse.

A nossa geração compete pois, e é por isso que eu escrevo estas linhas para a *Contemporanea*, — uma revista de novos — realizar o trabalho iniciado.

Antes de construir teorias é necessario alicerça-las com factos. Antes de expôr ideias geraes, fatalmente inconsistentes por infundamentadas, e que, como taes só aproveitam à literatura do dia-a-dia, temos de organisar o relato minucioso e fiel dos documentos.

E como tudo o que está feito, excetuando o mencionado, enferma de fal-

sidádes originarias, para a elaboração de uma historia de arte portuguesa ha que fazer-se, previamente, uma revisão de todo o material, excluindo, sem temores nem contemplações tudo o que não se baseie em documentos, tudo o que não tenha a sanciona-lo o exame comparativo entre monumentos da mesma epoca, portugueses e estrangeiros.

VERGILIO CORREIA

desenho de almada

CONFERENCIA
CUBISTA SOBRE LA ESQUIZOFRENIA

HAN llegado a los medios cubistas de París noticias demasiado esquizoides sobre la conferencia que dió en el Ateneo de Madrid el sugestivo doctor Lafora, en la cual, según parece, tratóse de explicar, por la esquizofrenia, el cubismo. He considerado indispensable celebrar, sobre este asunto también, una conferencia, aunque todavía privada, con nuestro esquizoide nacional, y además internacional, mi buen amigo el pintor cubista Pablo Picasso. Si admitimos la teoría-Lafora de que el cubismo ha sido la liberación de la esclavitud secular de los esquizoides sometidos en arte a la clandestinidad, le corresponde a Picasso el título de gran libertador: sería el jefe de la rebelión esquizoide. Algo por el estilo es el rango en que le tiene puesto la fama. Sólo hay, al presente, dos españoles de universal nombradia: Ramón y Cajal y Pablo Picasso; el primeiro es un investigador, y del segundo se quiere hacer un fenómeno. Pero, a propósito, ¿es hereditaria la esquizofrenia? Porque, detalle biográfico de una importancia, no ya extra artística, sino extra científica, Pablo Picasso es sobrino del general que busca las responsabilidades por lo passado eu Marruecos. ¡Quién sabe cuánto se puede desentrañar con la esquizofrenia y el cubismo!

Desde luego, igual que explica el doctor Lafora, al parecer, el cubismo por la esquizofrenia, puede explicar la esquizofrenia por el cubismo el pintor Picasso. Pongo por testigos a los lectores, no de este artículo, de las referencias sobre el estudio del doctor Lafora. ¿No es verdad que los términos cubista y esquizoide resultan inter-cambiables? ¿Qué mayor claridad tiene el uno para explicar al otro? Los dos están pidiendo una explicatión. Molière, y antes Quevedo, ya se rieron del placer con que los médicos dan, como primera explicación, un nombre; esto podemos decir de esquizoide. En cuanto a cubista, también Molière, y antes Quevedo, se rieron de su esnobismo, que sigue siendo sobre todo femenino, como el preciosismo de las preciosas ridículas, y el culteranismo de la culta latiniparla. La esquizofrenia, ¡claro está!, designa a una psiquiatría determinada, independientemente de todo cubismo; pero el cubismo, a su vez, nombra a un arte, o si queréis, a una cosa determinada, independientemente de toda psiquiatría.

Hace años, hubo ya en el Ateneo de Madrid un doctor oculista que trató de explicar por el astigmatismo la pintura del «Greco». A mí no me convenció porque soy astigmático, y no soy capaz de pintar ni acuarelas, como el Sr. Maura y las señoritas cursis. Sabido es que lo normal consiste en tener los sentidos anormales, y el sarcástico irlandés Bernardo Shaw, intenta probar su originalidad asegurando que un oculista le descubrió, admirado, la perfecta normalidad de sus ojos. Cuántos pintores habrán pintado con la misma clase di astigmatismo que el «Greco», e ninguno ha sido un «Greco» pues de lo contrario, para serlo bastaría con que cualquier pintor se pusiera

unas gafas astigmáticas. El astigmatismo pudo tener influencia en la pintura del «Greco», y asimismo pudo tenerla un lobanillo. ¿Es de otro orden la inquencia esquizoide en el cubista? ¿Si todos los cubistas son esquizoides, todos los esquizoides son cubistas natos, es decir, por lo menos: cubistas vergonzantes, cubistas clandestinos? La cuestión de saber si la esquizofrenia explica al cubismo está ahí.

Ya sé que los doctores se atienen a su ciencia, que es lo que les interesa, y en la cual los fenómenos artísticos son casos de un interés valioso. He oído, sin embargo, que las psiquiatrías más complicadas, con motivo de la guerra, se han producido en gente inculta del campo. El peligro de las incursiones de otras ciencias en la estética aparece cuando se pone en nombre de ésta a recibir al invasor un Max Nordau, cuya «Degeneración» o explicación por este motivo del arte llamado entonces modernista, y de todo el arte de su tiempo, produjo tanto efecto, y encierra, efectivamente, un fondo de verdad patológica; pero hoy que han pasado los días y se han clarificado los valores, suena como el mayor rebuzno de la crítica literaria. No llega a tanto la explicación de la «poesía de hoy», que ha dado un muchacho, Juan Epstein, estudiante de Medicina en París.

Dejando a un lado lo que ha tenido de farsa (y en todo arte hay algo de farsa, como en toda farsantería artística hay algo de arte) el cubismo, si tiene su algo, es en un primitivismo forzado (la influencia del arte negro sobre Picasso), en un balbuceo consciente por rehacer la pintura deshecha hasta el impresionismo. El cubista no ha querido deshacer ni «repetir» la pintura; ha querido «hacerla». Picasso me dijo en cierta ocasión:

—A uno que quisiera pintar por primeira vez, por ejemplo, esa mesa, yo le diría: coja usted un metro y mídala usted.

¿Puede darse un consejo más académico? El pintor cubista, ante una figura, un paisaje, una naturaleza muerta, no ha querido reproducirlos, sino ir abatiéndolos en planos de distinta calidad pictórica. Ha olvidado la perspectiva. no por espíritu de disociación, sino por parecerle, al contrario, convencional, falsa, poco constructiva. No nos enteraríamos bien de una construcción si su ingeniero o arquitecto nos diera sólo el dibujito completo; para enterarnos mejor nos da el proyecto en planos. El constructor aquí sigue un orden lógico. ¿Ha conseguido su lógica, su estética, aun la razón de la sinrazón, el cubista? Un cuadro cubista es, no una pintura, mas los materiales para una construcción pictórica. El día en que la realizara, no sería ya un cuadro cubista, sería otra cosa; el cubismo conduce a suprimir el cubismo; por eso no tiene salvación.

Debo hacer constar que Picasso no es responsable de estas interpretaciones: toda la responsabilidad es mía. Picasso lo que hace es ofrecerse gustoso, como esquizoide, a los estudios del doctor Lafora. Es preciso que se pongan en relación el doctor de los cubistas y el cubista más señalado por los doctos autores. Si ha sido un español quien ha presentado primero el fenómeno del cubismo, es justo que sea también un español quien primero lo explique. Luego, un literato, Pío Baroja, cuando se canse de Don Juan de Alzate y del regionalismo, podrá reintegrarse a la totalidad de la madre patria escribiendo un libro titulado: «La península de los esquizoides».

París y mayo.

CORPUS BARGA.

DO «EL SOL» DE MADRID

MUSICA

NA ultima audição da Sociedade Nacional de Musica de Camara, o moço Julio Torres veio dizer-nos a sonata *Aurora*. Lembrava uma creança a ler em voz alta, com muita atenção, o *Cantico dos Canticos*. Todavia a pontuação era tão bem feita, o precipitado das palavras tão correcto, que nós aplaudimos na esperança de o ouvir mais tarde, quando aquela mesma perfeição vier já no seu melhor estado consciente, e o interessante pianista, tendo atingido a maioridade, empreste aos seus dedos, como interprete-maior, a sua propria alma.

O Fado de Coimbra veio até nós, de capa e batina, dizer um longo descritivo de saudades, saudades do Mondego, combinar amistosamente uma fraterna emoção com os sentimentos do sul.

Fado-mais-celta, quiz emiscuir-se no coração do Ribatejo e da Moiraria, tonalisar o Fado-mais-arabe... E êle aí veio, todo de luto, trazido por uma centena de estudantes, contar amores e inocencias da raça, viver mais outra face da psicologia portugueza, na hora mesma de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral.

Antonio Menano trouxe dentro da sua guitarra uma *Carta* de soidades que nos mandou, muito comovidinha, a Terra de Santa Isabel;

...que as minhas para contigo
Só á vista terão fim...

Lisboa recebeu-o de casaca e de jaleco. Em Sam Carlos dizem que houve entusiasmo. No Coliseu sei eu que houve uma ternura imensa. Havia no ar um sabor a redondilha, todos estavam ali com a alma em mangas de camisa, tendo o prazer consolado de falar esta lingua tão bonita, dizendo ainda bem ao nosso destino dolente, a este sol, a esta paisagem, a esta Patria ha oito seculos,

vestida de Nossa Senhora das Dôres...

Atraz do Fado veio a graça, a anedota coimbrã, veio o scrberbo orfeão do dr. Elias d'Aguiar.

O *Linho fresco,* de Tomaz Borba e as *Canções Portuguezas* foram do melhor que os nossos ouvidos ouviram. Bem sabemos que é muito lindo *Les Gardes de la Reine*, *Les Titans*, *L'Enclûme*. Bem sabemos que o orfeão tem nessas paginas a sua maneira classica, a sua grande prova d'equilibrio. Mas nós lembramo-nos de certas caras saloias disseminadas na geral do Coliseu, certas chitas e barretes especados, certa forma de ouvir, muito fanatisada, só quando a provincia de Portugal era evocada pela voz dos estudantes. Estavamos evidentemente, na melhor das horas portuguezas.

L. M.

COLUMBANO
"SANTO ANTONIO DE LISBOA"
Museu de Arte Contemporanea

ARTE DE BEM MORRER

(FRAGMENTO DA CONFERENCIA QUE COM ESTE TITULO ANTONIO FERRO VAI REALISAR NO RIO DE JANEIRO)

E é assim, vivendo com Arte, minhas senhoras e meus senhores, que se aprende a bem morrer. Quem sabe artificializar a Vida, porque não ha-de artificializar a Morte? Desde que se tenha uma atitude, á hora de morrer, a morte deixa de ser uma realidade — para ser uma atitude... Morrer bem, é viver para sempre, é ser imortal, é pôr a morte sobre nós, a morte negra, como uma casaca. A morte é natural, como tudo, como uma flor, como um beijo, como uma vida... Os assassinos são os maiores filósofos da morte. Não lhe dão importancia nenhuma. Eles matam como quem fuma, eles matam como quem rasga documentos impertinentes... Um punhal nas suas mãos é uma raspadeira. Eles esgotam uma vida — como quem lê um livro.

Os assassinos matam sem remorso porque matam sem ambiente, sem *décor*: á esquina d'uma rua, n'um borrão de sombra, em plena floresta, no scenario ingénuo d'uma casa burguesa... O que exagera a morte, o que lhe dá fisionomia, o que lhe dá côr de morte é o ritual, a maquilhagem sinistra que os homens lhe puseram: os grandes panos negros, os tocheiros altos, as eças, as flores cortadas, como cadaveres, sôbre os cadaveres...

Há uma página, na minha saudade, que eu vou colar a esta conferencia, porque exemplifica o que a morte tem de dóminó, o pavor que ella pode inspirar quando surge, em *toilette*, e a indiferença que ella provoca, quando vem como Deus a fez.

Foi em Loanda, em Africa, essa Africa onde o Infinito é mais perto, onde a noite desce, rapidamente, sem transições, como tampa de sarcófago.

Na fortaleza dos degredados plantada no alto da cidade, como um espantalho, morrera a mulher do commandante, uma linda mulher, linda de corpo e alma. Tinha os labios em coração, e o coração como boca sensual e fresca. O commandante era brusco, sacudido, feroz, com um açoite de sete pontas na voz aspera, homem severo, implacavel, sempre disposto ao castigo, raramente resolvido a perdoar... Esse *raramente*, era ainda a mulher, a mulher rara, que alli, na fortaleza, em seu carinho e ternura, era o indulto, o indulto de todas as condenações... Muitos lhe ficaram devendo alguns dias a menos na Casa da Cal, a terrivel prensa, meio metro para dez almas, á torreira do sol, moldando os corpos em cicatrizes! Quando ella, a providencia loira, surgia de manhã, no pateo da Fortaleza, todos sentiam a pena diminuida, todos olhavam para ella, como se olhassem o ceu, atravez os ferros da cadeia. Pois morrera, morrera a mulher do commandante, n'uma tarde suave, n'uma tarde lirica, n'uma tarde petala de rosa... Ao ser conhecida a noticia da sua morte, a Fortaleza ficou alagadinha de tristeza! A grande Fortaleza foi-se comprimindo, foi-se

apertando em dôr, até ficar do tamanho da Casa da Cal, pequena como um coração em angue... E no dia do funeral, á hora em que o corpo sahia da casa do commandante, linda gaiola vazia, os degredados, crâneos rapados como planicies sêcas, fatos em ganga com a alma em seda, por momentos, tinham formado aleas no páteo, cabeças baixas, guilhotinadas de magoa. E, quando o corpo passou, todos aquelles homens, habituados á morte, irmãos do crime, tinham lagrimas nos olhos, lagrimas choradas pela morte de alguem que era um pouco da sua vida. Pela primeira vez, nas linhas hirtas do scenario tragico, no convivio d'aquella existencia tranquilla e santa, elles, os assassinos, tinham visto a Morte, a Morte vestida, a Morte seria, tão diferente d'aquella morte que elles conheciam, d'aquella morte que elles não respeitavam... Foi o Homem, na verdade, quem estragou a morte, quem fez della uma mulher de luto... Foi a Vida, foi a Vida quem inventou a morte... O que dá vida á morte, é a solenidade, o ritual, o scenario pomposo e retorico... Para os assassinos a morte é nua. Por isso não a respeitam. Façamos como elles. Matemos a Morte! Vamos desmascará-la, arrancar-lhe o dómino negro, vamos acordà-la a golpes de Jazz-Band! Ensinemos o tango á grande depravada... Que os corpos tombem, mas tombem como estroinas exaustos em noites de folia. Façamos rir as caveiras com os seus olhos infinitos. Em vez de ataúdes — *mapples*, os grandes sarcófagos da vida moderna... Em vez de flores cortadas, açucenas e goivos, — labios em febre! O processo não é meu. Já Marinetti o gritou, em qualquer manifesto. Mas as ideias, como as vidas não acabam. Eu canto o que Marinetti gritou, eu canto a morte de cabelos soltos, eu canto a morte que sabe cantar, eu canto a morte boémia.

Foi em Paris, n'uma revista das *Jolies* que eu encontrei o verdadeiro simbolo da morte viva, o grande segredo da Eternidade.

Montmartre. Em frente d'uma casa suspeita, depois d'uma scena violenta, um marujo crava um punhal no peito da *Gigolette* — um aventalinho encarnado sobre um vestido negro — encarnado e negro, a bandeira do crime. A ronda vai passar. O marujo está perdido. A seus pés o corpo da amante breve, é uma condemnação. Fugir é impossivel. Já não ha tempo. Dança-se na casa suspeita, um rez-de-chão com uma janella iluminada no meio da noite... O marujo não hesita. Ergue o cadaver da amante, como uma pluma, põe-lhe os braços bamboleantes sobre os hombros fortes, e dança, dança com ele, ali no meio da rua, emquanto a ronda passa, uma valsa ignobil, uma valsa *apache*, aguda como um punhal... Façamos todos o mesmo, minhas senhoras e meus senhores: Levemos a morte nos braços como uma *gigolette* apunhalada...

Há quem tenha feito assim, Há quem tenha sabido morrer. Há quem tenha possuido a morte, com grandeza, com lealdade, com orgulho... Foi sobre esses, sobre os azes da morte, que eu escrevi esta conferencia. Eu colecciono mortes gloriosas como quem coleccionа borboletas, a ver aquela que tem as azas mais belas, a ver aquela que pode fazer-me voar mais alto...

*

*   *

Primeiro que todos, Jesus, o Homem Divino, o Homem Deus, o Homem que morreu para ser eterno, o Homem de olhos meninos, o homem que abriu um parentesis de ceu na terra...

Meio Dia. Hora-cruz, Hora em que o Sol é o grande Cristo na ascenção. O cortejo vai a caminho do calvario, a caminho do Golgotha, o *craneo* do cristianismo... Ei-lo, o Baixo-relevo de tragedia e dôr, relevo em alma, alma que se fez carne para ser esculpida: Jesus, os dois ladrões, os soldados romanos, as mulheres em lágrimas — maximas de Jesus, maximas de labios em flor... Cristo não suporta a cruz: leva já uma dentro de si... Simon de Cyrene, o camponez, é quem a leva, forçado pelos centuriões, a cruz que lhe tatuou a alma,

que o fez cristão... O cortejo, o funeral de Jesus em vida, chega, finalmente, ao Golgotha. Artista da morte, o maior escultor da morte, Jesus recusa a bebida consoladora que é de uso dar-se aos pacientes. Recusa a venda que lhe querem pôr nos olhos, a venda da embriaguez... Despem-n'o, ligam-no á cruz, á cruz rustica que lhe vai apressar a morte, piedosamente!

Põem-lhe cravos nas mãos que, dahi a pouco, já são cravos vermelhos! Christo, o maior modelo, o maior modelo de virtudes, posa na cruz, posa para a Humanidade, posa para o futuro... Ha tanta claridade no seu corpo, ha tanta luz nas suas chagas, que de Cimoboue a Greco, todos o veem, todos lhe dão a imagem unica, que á força de mirrada, e de exigua, é quasi tinta pintada a suor de amor sobre a madeira!

Jesus tem sêde, sêde de Infinito. Pede para beber. E em vez de Infinito, dão-lhe vinagre... Aos lados de Jesus, como moldura negra, cercam-no os dois ladrões. A seus pés, os guardas jogam-lhe as vestes, as vestes onde ficaram escutas as linhas saudosas do seu corpo! Sobre a cruz, em trez linguas, latim, grego e hebraico, a legenda infamante: *o rei dos judeus*. Maria Cleophas, Maria de Magdala, Joanna, Salomé, a distancia, guardam, na cruz bemdita dos seus olhos, para sempre, o corpo florido do martyr... Os dois ladrões insultam Christo, impotentes, raivosos por não saberem roubar-lhe a divindade. E Christo sorri, e Christo perdôa, e Christo tem a morte sobre os labios — como um beijo! Põe os olhos no ceu, como duas rezas, e exclama com uma voz forte, a ecoar no ceu: «O' Pae! Entrego o meu espirito nas tuas mãos!» E apoz esta frase ascensional, a cabeça tomba-lhe sobre o peito, como um lirio cortado.

E foi Jesus, minhas Senhoras e meus Senhores, o primeiro Homem que soube morrer, o primeiro Homem que não acreditou na morte...

ANTONIO FERRO.

O DINHEIRO

NO largo que fica no centro da cidade estava um homem que fallava com toda a força e que estava a ser sincero. Suava da testa por estar a ser sincero. Dizia o homem: Amigos! ha dois caminhos a seguir — o do dinheiro ou o de cada um de vós! Aconselho-vos: ponham de parte o vosso, e sigam o do dinheiro.

A multidão ergueu alto os braços com grandes enthusiasmos e disse: Bravo! Isso está certo! Isso é assim mesmo!

E depois foi cada um para seu lado.

Era bastante tarde. Minha mãe já devia estar em cuidados por eu ainda não ter entrado. Fui tomar logar num carro para ir mais depressa. Mas a meio caminho veiu o vento e levou-me o chapeu. Tive de apear-me para apanhar o chapeu. Quando voltei com o chapeu já o carro tinha partido sem mim. E cheguei a casa mais tarde do que se tivesse vindo a pé desde o principio. Mas durante o caminho fiquei muito contente porque pensei que eu não teria perdido o carro nem o chapeu, se tivesse pensado no vento.

Quando cheguei a casa, minha Mãe estava muito triste. Não era só por eu ter chegado tarde, era tambem por se ter lembrado da historia do irmão d'ela. A historia do irmão de minha Mãe tinha duas metades: Na primeira metade tinha estado a juntar dinheiro, e na segunda metade tinha gasto o dinheiro todo para se tratar dos males de ter estado a juntar dinheiro durante toda a primeira metade.

— Bôa-noite, Mãe!

almada 1919

Este trecho pertence á conferencia
La révolution individuelle
Paris, armistice 1919 Fev.

LE PARC DU MYSTÈRE PAR RACHILDE & F. DE HOMEM CHRISTO

Madame.

LORSQUE votre lettre m'est parvenue hier soir j'ai d'abord tenté de la déchiffrer puis, découragé, je l'ai passée à ma dactylographe qui l'a traduite sur sa machine en bons caractères ronds. Après quoi, débarrassé du cauchemar de cette écriture inégale, capricieuse et fantasque, je l'ai lue le soir au coin de mon feu — un feu d'enfer! — et savourée lentement, à petits traits, dans l'isolement hermétique du vaste pensoir que vous connaissez, où nul bruit du dehors en pénètre et où j'ai coutume de m'enfermer, après le dîner, avec un havane qui me tient compagnie sans me heurter, témoin sceptique et muet de mes impatiences d'une heure, de mes amertumes et de mes joies.

Je ne bois jamais de liqueur. J'abomine ces boissons toxiques. Mais je comprends, je sais le plaisir qu'elles causent à certains hommes. Le soir où je dois lire une lettre de vous, je le fais avec la dévotieusev olupté que mettent les amateurs à avaler par petites gorgées compassées un verre de *Vieille Cure*.

Seulement, votre esprit n'a pas toujours le même goût. Vous êtes une irrésistible force de la nature, contradictoire, tendre et cruelle, parfois étrangement lumineuse et aussitôt impénétrable comme un puits de mystère. Vous êtes un terrain dangereux sur lequel il ne fait pas bon aux faibles de s'aventurer. Et c'est peut-être pour cela — certainement pour cela — que je vous aime. Parce que votre cerveau, pareil aux sables mouvants dont parlent les grands voyageurs du désert, exite mon orgueilleuse confiance en moi-même, m'attire... et ne m'effraye pas.

Souffrez, Madame, qu'en ma réponse je fasse preuve de quelque prudence. Votre lettre est un guet-apens. Vous me croyez téméraire. Vous vous trompez. Mon courage est un moyen au service de mon intelligence. Il ne commande pas; il obéit. Cette richesse naturelle, qui chez certains se traduit en faiblesse parce qu'elle inspire et domine leurs actes, n'est chez moi qu'un agent d'éxécution auquel je fais appel lorsque ma raison a pris, en toute liberté, ses déterminations. Cela vous expliquera pourquoi, ayant cent fois risqué ma vie, ma réputation, mon avenir et ma sécurité, je ne me suis jamais cassé les reins. J'ose, mais tandis que les héros et les martyrs le font les yeux fermés, je n'ai jamais osé, moi, que les yeux ouverts. Ainsi je ne suis — au contraire de ce que vous semblez croire — ni un héros, ni un

ses effets et ne s'élance qu'avec mille invisibles précautions. Mon audace même, que j'ai tour martyr. Je suis un homme sage, qui mesure ses pas, pondère ses gestes, raisonne froidement à tour entendu vanter et déplorer n'est encore, Madame, qu'une attitude choisie par mon odieuse lucidité.

Vous le voyez, je me déshabille. Mais que votre amitié se rassure! Je dirai suffisament pour vous intéresser et pas assez pour me compromettre. Je me regarde!

Oui Madame il y a le mystère. Le mystère insondable, inaccessible, éternel. Il est à l'origine et à la fin de toute chose. Il pèse sur vous, sur moi, sur l'humanité entière, enveloppe la terre comme l'univers, noie nos âmes, désespère nos pauvres cerveaux las de souffrir pour la découverte d'une vérité toujours proche, mille fois pressentie et jamais atteinte. Vous le niez donc ce mystère qui est dans vos yeux, dans votre âme inquiète, dans les héros de vos romans, dans les paysages qne vous peignez, dans l'atmosphère créée par le démon de votre génie? C'est votre dernière ressource. Vous niez ce que vous ne pouvez détruire? Prenez garde, Madame, à l'intempérance de votre orgueil! Elle peut vous jouer un vilain tour. Vous vous trouverez soudain désemparée en face de l'écroulement total de votre philosophie lymphatique de la Négation, — et l'Inconnu prendra sur vous une revanche terrible. Ce sera le marasme, l'angoisse de la nuit interminable, la marche à tâtons dans les sentiers vierges du Parc du Mystère où vous entrerez malgré vous, entrainée par la puissance de la Destinée devant laquelle ploient tous les genoux et toutes les têtes se courbent, convaincues — ou vaincues.

Je crois à notre ignorance totale devant l'immensité du mystère humain et surhumain.

Je crois à la force de mon intelligence comparée à celle des autres hommes, et à son succès si elle est appuyée par une énergie implacable, par une volonté tenace, par ma décision irrésistible de vaincre et d'atteindre, non pas la gloire ou l'argent mais l'une, l'autre et beaucoup plus que ce que les hommes désirent, possèdent ou rêvent de posséder.

Je crois à la Mort, terme de ma carrière actuelle et anéantissement inévitable, si elle vient avant dix ans, d'une oeuvre à peine ébauchée. Je ne la souhaite pas. Je ne la crains pas. Mon âme doit être assez forte pour résister au changement de climat et parvenir, vivante, à sa nouvelle demeure où elle jouera, j'espère, un rôle capital.

Je crois en Dieu quand je prie, en la mort quand je suis en automobile, en l'amour quand je suis dans les bras d'une femme aimée et en moi — quand j'entreprends une chose difficile.

Voici, Madame, les quatre extraits qui composent le parfum de mon mouchoir. L'aimez-vous?

Soyez indulgente pour ma fatuité et laissez-moi vous baiser les mains.

HOMEM CHRISTO

P. S. J'oubliais de vous dire que je crois aussi à l'amitié lorsque je pense à tout ce que je vous dois.

Por ter chegado demasiado tarde o original de Fernando Pessôa ANTONIO BOTTO E O IDEAL ESTHETICO EM PORTUGAL, fica a publicação d'este artigo para o numero seguinte . . . .

SPORT

DAS inumeras formas de actividade sportiva, uma se destaca, se eleva, d'entre todas, por condensar inteiramente, os requisitos pedidos ao termo sport: o box.

A arte do pugilato — a nobre arte — encerra decisivamente na sua pratica todos os elementos de preferencia.

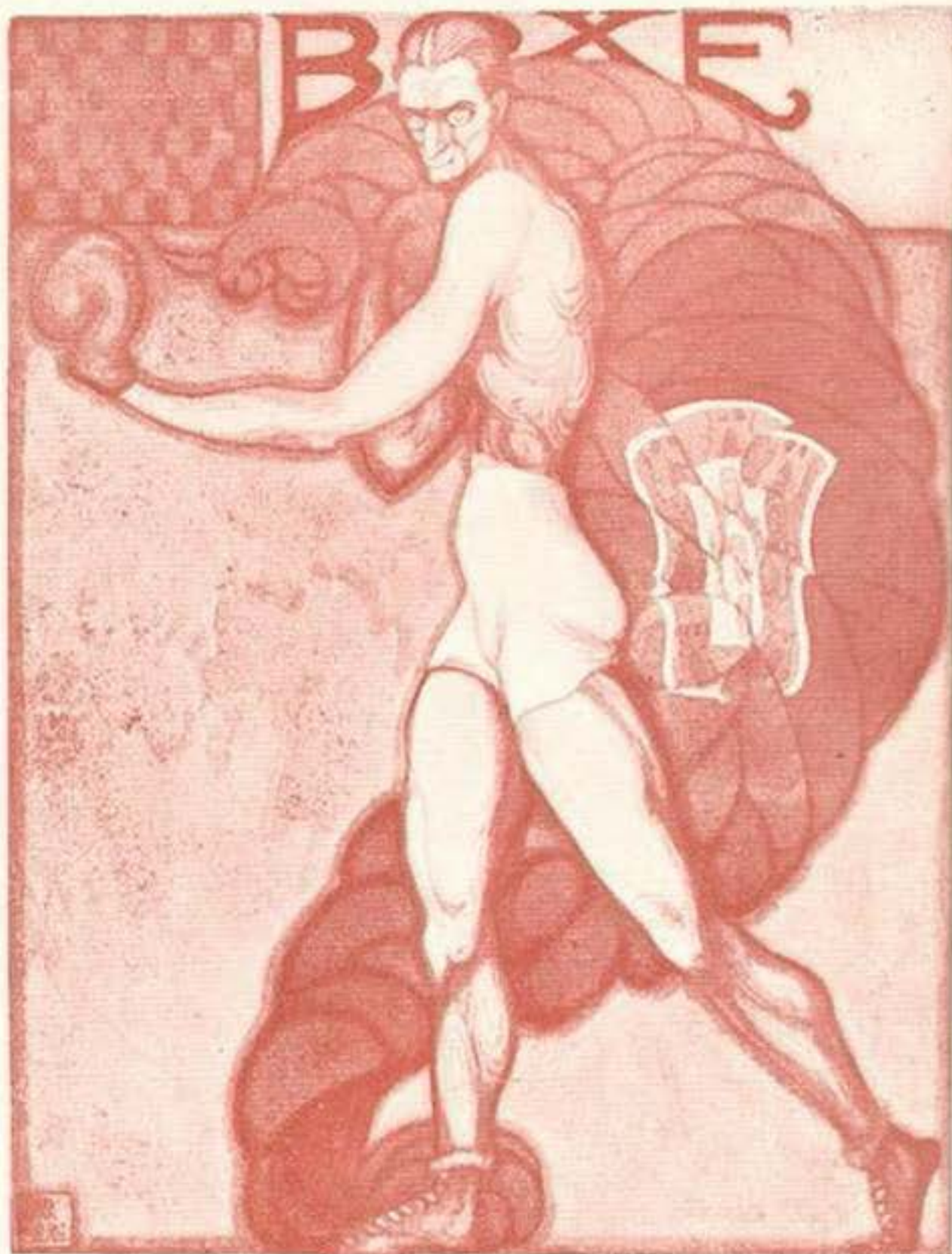
Sport tem tres aspectos distinctos sob que deve ser apreciado: prático, moral e estético. Em qualquer das feições, o box domina.

O seu valor prático?

Como utilitario, nenhum primeiro. Sport defensivo, ensina a mais natural das defesas: a defesa racional intuitiva.

Imprime confiança, sem exigencia d'uma execução perfeita, justamente porque a defesa com as mãos é intuitiva. E' esta a sua grande superioridade prática sobre os outros sports de combate e de defesa, que pedem em regra o uso de instrumentos ou uma tal virtuosidade que anule a intuição.

Não falando no superior desenvolvimento dos recursos fisicos, que em nenhum sport atinge um grau de perfeição mais equilibrado e completo, o box tem mais cuidadosa preparação, maior conjuncto de exercicios que levem á «forma». «Forma» que reclama a «souplesse» extrema, a velocidade, a força especial do «punch», o folego, a «endurence», o golpe de vista, a decisão, combatividade, calma, etc.

Qualidades estas que só um trabalho de cultura fisica intenso e completo

consegue, a par consequentemente d'uma linha impecavel de desenvolvimento muscular, fazer do boxeur o athleta por excelencia em aspecto exterior e qualidades fisicas intrinsecas.

Tem uma preparação equilibrada, não obedecendo a atitudes forçadas que robustecem em tantos sports determinados musculos, exageradamente, em detrimento d'outros. O box não deforma nem tolera o exagero das grandes massas musculares.

Sob a feição moral o seu dominio é egualmente claro. Porque nenhum sport reclama com mais razão a inteligencia, a lealdade e a coragem.

N'um combate, o problema a resolver pela inteligencia pede uma lucta intelectual e ininterrupta. Em cada instante o problema muda, tornando indispensavel uma gymnastica intelectual apurada.

A lealdade é provada egualmente a cada momento e em nenhum outro sport mais patente se torna. A lealdade é o principio moral sobre que assenta o encontro.

Coragem em box é tão necessaria como o movimento dos braços.

A bem comprehendida coragem — o temperamento — é sujeita á prova desde o primeiro «tempo» ao ultimo.

Considerando a terceira feição, a feição estetica, é forçoso dar ao box o primeiro logar. Box é um sport de arte e de emoção.

Sport de combate algum, faculta a contemplação d'uma infinita variedade de leves atitudes plasticas, d'uma indiscutivel beleza, que tantas vezes dão a um combate a caracteristica d'uma dança especial, a mais viril e portanto a maisbella.

A força, no sentido vulgar da expressão, não dá superioridade. A força no box é o resumo das faculdades fisicas e moraes já apontadas. D'esse jogo constante de multiplas aptidões de destreza, provem a beleza d'um encontro. O choque de dois athletas d'um peso sempre sensivelmente egual, d'um desenvolvimento muscular racional e harmonioso fornece uma lucta toda rapidez, toda mobilidade, toda inteligencia.

A detracção do box accusa sempre ignorancia sportiva, e falta de comprehensão do bello. E' boçal a lenda do perigo. Nenhum sport violento — excluindo bem entendido o bilhar e o chinquilho — conta menos desastres graves. A innocencia do hipismo, do automobilismo, etc., comparativamente com o box, torna-se perversidade.

F. G.

CONTEMPORANEA

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ PACHECO

CHIADO, 74, 2.º — LISBOA

Editor: AGOSTINHO FERNANDES

N.º 2

ANO I

SUMARIO